

FRAGMENTOS

Reunião das memórias dos últimos
Salatinas da Velha Alta de Coimbra.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM DESIGN E MULTIMÉDIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

NÁDIA PAIM DUARTE
npduarte@student.dei.uc.pt

ORIENTADOR: NUNO COELHO



FRAGMENTOS

Reunião das memórias dos últimos
Salatinas da Velha Alta de Coimbra.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM DESIGN E MULTIMÉDIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

NÁDIA PAIM DUARTE
npduarte@student.dei.uc.pt

ORIENTADOR: NUNO COELHO

Coimbra, Setembro de 2013.

www.projetofragmentos.com

*“Já toda a cidade,
P’ra falar a verdade
Anda em grande revolução,
As casas da ALTA,
Que antes eram da Malta,
Já estão pelo chão.*

*Foi-se o «Jesuíta»,
Mas foi uma fita,
P’ró pôr a cavar de lá,
E o velho «Pirata»,
Com a sua lata,
Vai ficando a onde está.*

*Refrão:
— Querem acabar
Com a Lusa-Atenas
São obras que duram
Mil anos apenas.
Se isto continua,
Ai! Meu Santo António!
Vai tudo p’ró manicómio.*

*E o próprio fogo
Sabendo do jogo
Levou alguém no baril.
Mesmo sem malícia
Queimou a polícia
Mais o Governo Civil.*

*O pobre leão
Lá está na prisão
Por causa do fogo posto
Mas ele não resiste
Neste fado triste,
Brincadeiras de mau gosto.”*

Canção popular durante as demolições
da Velha Alta (TORGAL, 1989, p.15).

AGRADECIMENTOS

Este é além de um trabalho de conclusão de mestrado, mas um esforço que marca a uma fase vivida, também o início de uma nova. Durante este período várias pessoas me apoiaram e foram a família que tive longe da minha cidade natal, que sem elas jamais conseguiria passar pelos desafios de uma pós-graduação em um país estrangeiro.

Portanto, com carinho agradeço a D. Ana e D. Madalena, minhas primeiras amigas desde que cheguei em Portugal. Anabela e Luís, meus pais portugueses que sempre me compreenderam e estiveram comigo em todos os momentos. Sonia que faz parte da minha família portuguesa. E D. Teresa, minha senhoria, que até me emociona lembrar do apoio em tempos difíceis.

Com carinho, também, agradeço a Denise e ao Tiago que mesmo antes de eu pensar em pedir ajuda, ofereceram e foram apoio incondicional durante a fase mais difícil deste trabalho.

Sou muito grata ao Grupo Bíblico Universitário, por todo o apoio durante a caminhada.

Quero agradecer muito a Ana Biscaia que sempre foi incentivadora e também sempre disponível para apoiar o projeto. Ao Professor Nuno Coelho pela motivação e compreensão diante das minhas dificuldades. E também ao Rodrigo Lacerda que sugeriu as bibliografias sobre documentários e dicas sobre maneira de fazer as gravações.

Agradeço ao Professor Penousal Machado pelo apoio na fase de escolha dos temas.

No início do trabalho tive o apoio do meu colega Gui Mota que disponibilizou tempo para me ajudar numa primeira gravação, antes das entrevistas. Também tive a ajuda do Tiago Madeira e da Cláudia na gravação da primeira entrevista. Obrigada ao meu colega Mauro Rodrigues que sempre foi muito solícito. Obrigada também ao Pedro

Pereira que me emprestou um microfone por tempo indeterminado. E obrigada ao Tiago Santos pela disposição em passar arquivos sobre a Alta que me foram muito úteis.

Obrigada ao meu amigo Davide Rasini por ter dado suporte sempre durante o curso e em todos os momentos difíceis desde sempre. Também, obrigada a minha amiga Thamara Fortes que foi além de muito motivadora nas fases difíceis do mestrado, mas um exemplo de força e coragem.

E sou muito grata ao Sr. Vito que participou do projeto com muito empenho, que foi à biblioteca, emprestou-me livros e sempre esteve disponível. A Sra. Maria Luísa que me apresentou às pessoas que poderiam participar e que tinha muito boa vontade para ajudar. Obrigada à Sra. Manuela, à Sra. Maria da Conceição, à Sra. Milu e ao Sr. Carlos Dias, pois todos eles fizeram parte de uma etapa muito importante para mim, e contribuíram da melhor maneira que puderam.

Dedico este trabalho ao meu pai Lulu e minha mãe Nininha, que foram pais adolescentes e enfrentaram muitos desafios para que eu pudesse ter estudado e com certeza a conclusão deste mestrado é uma realização muito feliz para eles.

Ao meu irmão Rick pelo carinho que tem comigo.

Ao meu amor Dimitris, pois ele foi a razão pela qual me fez ter coragem de deixar meu país e enfrentar os desafios por amor. E foi ele o autor da ideia de estudar em Portugal.

Dedico também a Deus, porque é pela graça dEle que ainda nasce um sentimento nos nossos corações e que nos alimenta a alma para trabalhar em benefícios dos outros com paixão.

ÍNDICE

LISTA DE FIGURAS	17
RESUMO	21
INTRODUÇÃO	24
ESTADO DA ARTE	30
AS DEMOLIÇÕES NA ALTA	32
OS BAIRROS SOCIAIS	36
DOCUMENTAR	38
PROJETOS RELACIONADOS	43
OBJETIVOS E MÉTODOS	60
PLANO DE TRABALHO	64
RESULTADOS	66
DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	68
CONCLUSÃO	94
REFERÊNCIAS	102
ANEXOS	108

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Portal do projeto Highrise.	44
FIGURA 02: Portal do documentário One Millionth Tower.	44
FIGURA 03: Portal do documentário Out My Window.	45
FIGURA 04: Portal do documentário The Thousandth Tower.	45
FIGURA 05: Abertura da aplicação.	46
FIGURA 06: Mapa da Avenida Amirante Reis.	47
FIGURA 07: Abertura do aplicativo.	48
FIGURA 08: Aparência do aplicativo Heygate Lives.	48
FIGURA 09: O mapa e a marcação dos usuários.	49
FIGURA 10: Fotografia do exterior e interior da casa de um usuário.	49
FIGURA 11: Exposição das fotografias.	50
FIGURA 12: Trailer de MIGR@NTHOME.	51
FIGURA 13: Do acervo de imagens do documentário MIGR@NTHOME.	51
FIGURA 14: Abertura do site 2 FACES.	52
FIGURA 15: Opção de visualização com ilustrações.	53
FIGURA 16: Opção de visualização com fotografias	53
FIGURA 17: Website de "Histórias com M".	54
FIGURA 18: Little Edie com sua criatividade para se vestir.	56
FIGURA 19: Big Edie prestes a cantar sua canção preferida.	56

FIGURA 20: Conversa muito peculiar no bar.	57
FIGURA 21: Registrando momentos na construção.	57
FIGURA 22: Trailer de Urbanized.	58
FIGURA 23: Planejamento das etapas de trabalho.	64
FIGURA 24: Plano de trabalho final.	65
FIGURA 25: Divisão dos assuntos	69
FIGURA 26: Primeira ideia.	70
FIGURA 27: Esquema de navegação da primeira ideia.	71
FIGURA 28: Marcação de passagem do tempo.	71
FIGURA 29: Esquema de estruturação do conteúdo.	72
FIGURA 30: Ideia intermediária - a página inicial.	72
FIGURA 31: A home page e esquema das páginas com as memórias.	73
FIGURA 32: Fase intermediária - a página inicial.	74
FIGURA 33: Fase intermediária - a home page.	74
FIGURA 34: Fase intermediária - página única reunindo as memórias.	75
FIGURA 35: Fase intermediária - detalhe de visualização dos vídeos.	75
FIGURA 36: Fase intermediária - esquema de navegação.	76
FIGURA 37: Novo esquema de navegação.	77
FIGURA 38: A parte "sobre o projeto" encaixada no esquema de página única.	77
FIGURA 39: Todo o esquema e distribuição dos pins.	78
FIGURA 40: Página inicial.	79
FIGURA 41: Área do primeiro pin.	79

FIGURA 42: Menus.	80
FIGURA 43: Mapa de fundo e a grelha horizontal.	81
FIGURA 44: Mapa de fundo e a grelha vertical.	81
FIGURA 45: Mapa do website.	82
FIGURA 46: Primeira ideia para a identidade.	85
FIGURA 47: Esboços da identidade.	85
FIGURA 48: Vetorizando esboços.	86
FIGURA 49: Visualizando o contraste com o mapa.	86
FIGURA 50: Identidade a partir de elementos do mapa.	87
FIGURA 51: Identidade a partir de elementos do mapa.	87
FIGURA 52: A coroa do São João (estátua no centro do Bairro de Celas).	88
FIGURA 53: Uma parte do portão do antigo Hospital dos Lázaros.	88
FIGURA 54: Antiga escada monumental.	84
FIGURA 55: Arco do castelo.	88
FIGURA 56: Observatório astronómico.	89
FIGURA 57: Monumento a Camões.	89
FIGURA 58: Experimentações com partes dos monumentos.	89
FIGURA 59: Experimentações com partes dos monumentos.	90
FIGURA 60: Visualização da identidade na página principal.	90
FIGURA 61: Exemplos da fonte Futura.	91
FIGURA 62: Proposta de apresentação do projeto.	91
FIGURA 63: Delimitação da área demolida da Velha Alta.	92

RESUMO

O povo português sofreu um longo regime autoritário que se estendeu por 48 anos. Durante este período antidemocrático, a partir de 1933, surge a figura de António de Oliveira Salazar com o “Estado Novo”. Dentro deste contexto político, a Cidade Universitária de Coimbra, na “Velha Alta”, foi alvo de um projeto que envolveu demolições numa escala monumental, responsáveis por uma das maiores perdas de património histórico de Portugal. No quadro que alterou drasticamente todo o tecido urbano de Coimbra, as demolições na Alta desalojaram entre duas a três mil pessoas que foram posteriormente obrigadas a habitar os Bairros Sociais na periferia da cidade.

Esta dissertação está centrada em redescobrir os antigos moradores da Alta, para depois, por meio de entrevistas filmadas e da compilação de todos os materiais reunidos, contar suas histórias e suas muitas “versões da história”.

A partir desse conjunto de materiais foi construída uma exposição *online* através de uma aplicação multimédia que, por sua vez, é um documentário interativo. Este projeto que pretende construir um memorial, retomar uma discussão sobre o impacto das mudanças na vida dessas pessoas e constituir material de apoio para futuras intervenções urbanas.

PALAVRAS-CHAVE

Coimbra, Velha Alta, Bairro Social, documentário, web design, multimédia.

NOTA PRÉVIA

A oportunidade para realização deste projeto surgiu com a candidatura a um dos estágios oferecidos aos finalistas do mestrado, então no Departamento de Habitação da Câmara Municipal de Coimbra. Naquela ocasião, de início do estágio, por impedimentos financeiros, o antigo tema não poderia ser mais desenvolvido. No entanto, nesse meio tempo, entre todas as problemáticas expostas, descobri a presença dos antigos moradores da Velha Alta demolida em quase todas elas, e sugeri uma nova proposta de estágio à Câmara Municipal.

A proposta inicial do Departamento de Habitação tratava-se de um projeto de documentários nos Bairros Sociais realizados pelos próprios moradores com o apoio de profissionais, intitulado "TV no Bairro".

A partir desta ideia inicial de documentar as comunidades dos bairros formulei um projeto que reunisse as memórias dos últimos Salatinas¹ da Velha alta demolida.

1. Salatinas são chamados os moradores da Velha Alta.

Diante das dificuldades financeiras da Câmara Municipal em assegurar o desenvolvimento desta nova proposta, este projeto foi desenvolvido totalmente com recursos pessoais meus, entretanto, a equipa foi sempre muito disponível e motivadora no processo.

INTRODUÇÃO

No coração da cidade universitária, em frente à Biblioteca Geral, turistas e estudantes misturam-se pela entrada do edifício. Do lado esquerdo autocarros trazendo mais turistas e, entre eles, estudantes passam indiferentes ou acostumados com a rotina. Do lado direito, de tempo em tempo, escuta-se o sino da Torre da Universidade, no Paço das Escolas. E, em frente à Biblioteca Geral, vê-se a Faculdade de Letras.

Ninguém pode imaginar que a Biblioteca Geral, teve seus alicerces construídos para sustentar um teatro que nunca fora concluído. E seu histórico dramático iniciado em 1888, teve seu propósito inicial alterado, quando depois de um incêndio em um antigo edifício que abrigou um teatro adaptado, foi demolido e deram início às fundações para um teatro acadêmico, mas, sobre estes alicerces construíram demoradamente a antiga Faculdade de Letras, a partir de 1911. Em 1934, este edifício foi incluído na lista do plano de Salazar para a reforma da Universidade e com este plano decidiram adaptar para abrigar a Biblioteca Geral, sendo aberta ao público somente em 1962 (ROSMANINHO, 2006, p. 124 - 126).

No meio desta paisagem somente as pessoas mais atentas é que conseguem aperceber-se de algumas cicatrizes que sobraram em alguns edifícios ou no traçado muito regular em alguns pontos da cidade universitária.

Sobre esses vestígios, Rosmaninho (2006, p. 145 - 146), revela-nos o Arco do Castelo que apoiava o Colégio São Jerónimo e que foi demolido em 1947, deixando ali uma marca na sua fachada principal. Assim como esta marca que revela além do revestimento da fachada há aquelas que o tempo devolve à terra e se transformam em pó. Pois estes monumentais edifícios projetados e construídos sob silenciosas queixas, tomaram lugar dos antigos que diziam muito sobre a arquitetura portuguesa, foram implantados ali à custa da demolição de muitas residências e, conseqüentemente, muitas famílias tiveram que sair para ceder lugar ao “progresso”.

Acerca dos números, como nos conta Serrano (2011, p. 33), “foram 202 prédios destruídos. Quase a totalidade (94%) tinha entre três e cinco pisos. Ainda em 1952, calculou-se que entre 2 e 3 mil pessoas haviam sido desalojadas, o que representava 5% da população da cidade”.

Muitos estudiosos reviveram, comentaram e denunciaram as demolições na Velha Alta da cidade, mas o que nos dizem as pessoas que subiram nas carroçarias dos automóveis para serem levadas para um novo espaço na periferia de Coimbra daquela época?

Antes de ter chegado a apontar esta questão, o Departamento de Habitação da Câmara Municipal de Coimbra propôs um estágio com a finalidade de documentar os bairros sociais da cidade, ainda que, num primeiro momento, foram consideradas várias possibilidades de temas para o referido projeto. No entanto, à medida que foi sendo conhecido o âmbito de trabalho durante as visitas aos bairros, tendo aumentado o contato com as várias questões envolvidas, surgiu então a hipótese de ouvir os Salatinas contarem a sua versão da história, de maneira pessoal sobre o momento das demolições e desapropriações.

Portanto, este trabalho tratará de documentar de uma maneira não-tradicional, através de vídeo-entrevistas, o relato deste momento por meio das pessoas que foram testemunhas oculares e protagonistas da dramática intervenção que durou várias décadas. Imersos neste conjunto de questionamentos tenta-se reconstruir aquele espaço perdido através dos fragmentos elucidados pelos depoimentos e pelas memórias que essas pessoas guardaram. Descobrir para onde foram levados os moradores da Velha Alta, inclusive, como eram os bairros sociais quando chegaram e qual o impacto sofrido por estas pessoas na sua vida pessoal são alguns dos pontos importantes para esta abordagem.

Em linhas gerais, pretende-se analisar de que forma essas intervenções transformaram a vida dessas pessoas ao desenraizá-las do centro da cidade, e “encontrá-las” para descobrirmos quais foram as reais consequências das mudanças do traçado urbanístico, da paisagem urbana e na dimensão da cidade, além de, percebermos a história por trás dos fatos experienciados, a qual todos aqueles registros técnicos, não nos podem contar.

Ao retomar o assunto através da ótica dos Salatinos - das pessoas que hoje ainda estão vivas - este trabalho procura contribuir inspirando novos questionamentos, gerar novos documentários sobre os bairros sociais, revelar a história por detrás da criação desses espaços e ter a oportunidade de registrar as memórias das pessoas que vivenciaram aquele espaço e de alguma maneira reconstruir antigas imagens a partir destes relatos.

Pela natureza deste trabalho, tal documentário pretende-se ser democrático, no sentido do acesso ao seu conteúdo. E, para que seja de facto “aberto ao público”, propõe-se que este material seja exposto *online* por meio de um *website* com interatividade para se adaptar à curiosidade individual, ao tempo de “visita” e de permitir encontrar facilmente assuntos específicos ao longo das histórias contadas.

No primeiro capítulo intitulado "Estado da Arte" serão reunidas as pesquisas bibliográficas, uma contextualização histórica sobre as fases das demolições, ou seja, sobre a época de mudança para os Bairros Sociais que receberam as pessoas desalojadas da Velha Alta. Ademais, será realizado um breve panorama dos tipos de documentários e, também, uma exposição sobre trabalhos relacionados ou semelhantes, os quais nortearão as decisões projetuais mais apropriadas ao tema em questão.

Em seguida, no capítulo que trata dos "Objetivos e Métodos" serão explicados os caminhos de construção da investigação, bem como um relatório de decisões projetuais desenvolvidas ao longo de todo o processo de trabalho.

No terceiro e último capítulo, reservado aos "Resultados", tentar-se-á sintetizar e relatar as considerações advindas dos muitos fragmentos coligidos na pesquisa, pontuando o desenvolvimento do processo mediante a coleta de dados e, por fim, discutir os pontos de maior importância considerados ao longo do projeto.

ESTADO DA ARTE

AS DEMOLIÇÕES NA ALTA

No período que consta das demolições na Alta de Coimbra, Portugal atravessava um estado problemático política, económica e socialmente falando. Os portugueses estavam sujeitos às manobras de um longo regime autoritário que durou 48 anos, conhecido como o Estado Novo. Regime este liderado, principalmente, por António de Oliveira Salazar, que, segundo o relato de Serrano (2011, p. 22): “dentro do contexto europeu, aproxima-se de modelos de carácter fascista como o alemão, o italiano e o espanhol, embora se orgulhe de manter certa distância e isolamento. Trata-se de um regime repressivo marcado pelo nacionalismo e baseado moralmente em instituições como a Igreja e a Família”.

Neste período, a questão sobre a cidade universitária de Coimbra tornava-se assunto recorrente entre os jornalistas tendo surgido “de forma reativa” no Senado da Universidade, como aborda Rosmaninho (2006, p. 61-62) que, em 1934, em ocasião de assuntos discutidos sobre a criação de uma cidade universitária em Lisboa, surgiu o pedido em nome da Faculdade de Direito para uma valorização da cidade universitária coimbrã. O historiador ainda afirma que outros lugares chegaram a ser sugeridos em que poderiam ser feitas as ampliações, mas foram ignorados já que “a tarefa não era essa”.

Seguindo a cronologia feita por Rosmaninho, em Fevereiro de 1942, os primeiros 30 proprietários receberam as notificações e em Novembro as comissões de indemnizações reuniram-se em Coimbra para avaliar os prédios. Em Dezembro deste mesmo ano, um número indeterminado de proprietários contestaram as expropriações e os valores das indemnizações, entretanto, em Junho e Agosto de 1943, as comissões reuniram-se outra vez para avaliar o restante dos prédios. Mesmo depois do insucesso das reclamações coletivas, os proprietários tentaram reclamar durante o segundo semestre deste ano (ROSMANINHO, 2006, p. 322-323).

Apesar da desaprovação popular as demolições iniciaram mesmo antes das comissões terminarem de avaliar todas as propriedades, em Junho de 1943. E o primeiro edifício a ser demolido foi a Igreja de S. Pedro e que rendeu um processo contra o ato que se arrastou até 1945 (ROSMANINHO, 2006, p. 323).

O processo contra a primeira demolição, segundo Rosmaninho (2006, p. 323), deveu-se ao “valor histórico e artístico das peças destruídas ou compradas por particulares”. E sobre este assunto em particular precisamos apontar para alguns vestígios espalhados pela cidade, que foram “salvos” e conservados pelos próprios salatinas, sendo um bom exemplo um monumento construído em homenagem a Luís de Camões. Actualmente encontra-se na Av. Sá da Bandeira, contudo antes de ser instalado ali, o seu lugar original era em frente à antiga Faculdade de Letras (atual Biblioteca Geral). Outro bom exemplo é o da imagem de “São João” que foi reconstruído aos pedaços pelos próprios salatinas, no Bairro de Celas. Esta estátua era parte da fachada do edifício do Governo Civil, no Colégio dos Loios. Há ainda o portão do Hospital dos Lázaros que foi reinstalado no hospital da Universidade, em Celas. Neste sentido, vê-se que embora muitos dos objetos que constituíam os edifícios e o espaço urbano da Velha Alta não tivessem tanto valor para o governo, que aparentemente queria “despachar” com as demolições, para os salatinas estes mesmos objetos tinham um valor imensurável.

Antes da demolição do Colégio dos Loios, em fevereiro de 1944, este edifício onde ficava a mesma estátua que ocupa o centro do Bairro de Celas, sofreu um incêndio que durou três meses e que os antigos salatinas o consideraram suspeito de não ter sido acidental.

As demolições continuavam em série, Rosmaninho (2006, p. 325) aponta que em 1947, “com grande afluência de público, procedeu-se em 31 de Janeiro ao rebentamento dos restos de uma das torres de menagem do castelo de Coimbra.”

Seguindo a lista de Salazar, no final de Agosto, também “procedeu-se à demolição do Arco do Castelo, construído após o terramoto de 1755 para suportar o cunhal do edifício do Colégio de S. Jerónimo (ROSMANINHO, 2006, p. 325).”

2. "Valerá a Pena?" (Alta de Coimbra. História – Arte – Tradição. 1º Encontro sobre a Alta de Coimbra. Coimbra, 1988, p. 304.

Um outro ponto impressionante relatado por Rosmaninho (2006, p. 326) refere que, em 1949, “em meados de Abril, encontrava-se completamente arrasado o quarteirão compreendido entre o Largo do Castelo, o Marco da Feira e a Rua Larga, que incluía o Colégio dos Lóios.”

Entre as mais dramáticas fases das demolições da Alta está o Arco do Aqueduto de S. Sebastião, em 1958, descrita por Salvador Dias Arnaut², que foi testemunha ocular:

*"Permitam uma pequena evocação.
Tenbo nos olhos (jamais o poderei esquecer) a demolição de um dos arcos do aqueduto (Arcos do Jardim), por sinal dos mais interessantes, com as aduelas aparelhadas, sob o qual passaram gerações e gerações. Fui, por mero acaso, dos primeiros a dar por ela. Eu ia, açodado, para a Escola de Enfermagem da Rainha Santa Isabel (consintam esta grata lembrança de uma boa escola, onde dei a minha primeira aula). Deparei com resguardos de madeira na rua e homens encarrapitados no arco deitavam abaixo as primeiras pedras. Surpreendido (nada se tinha dito na imprensa, censurada, nada constava a tal propósito), perguntei-lhes que era aquilo. Mal me responderam. Compreendi. Corri a telefonar para os Monumentos Nacionais. Disseram-me, e era verdade, que coisa alguma podia fazer. E o arco lá caiu, rapidamente, inesperadamente, colocando-se, num ápice, toda a gente perante facto consumado, sem reclamações embaraçosas, sem discussões (aliás pouco possíveis). E o facto é tanto mais grave quanto é certo que o arco foi imolado em consequência de um erro no lançamento da rampa vizinha."*

Sobre este cenário da Velha Alta durante as demolições, que menciona inclusive o incêndio no Colégio dos Loios e algumas personalidades populares, há uma velha canção dos salatinas que nos convida a imaginar, registrada por Torgal (1989, p. 15) :

*“Já toda a cidade,
P’ra falar a verdade
Anda em grande revolução,
As casas da ALTA,
Que antes eram da Malta,
Já estão pelo chão.*

*Foi-se o «Jesuíta»,
Mas foi uma fita,
P’ró pôr a cavar de lá,
E o velho «Pirata»,
Com a sua lata,*

Vai ficando aonde está.

Refrão:

*— Querem acabar
Com a Lusa-Atenas
São obras que duram
Mil anos apenas.
Se isto continua,
Ai! Meu Santo António!
Vai tudo p'ró manicómio.*

*E o próprio fogo
Sabendo do jogo
Levou alguém no baril.
Mesmo sem malícia
Queimou a polícia
Mais o Governo Civil.*

*O pobre leão
Lá está na prisão
Por causa do fogo posto
Mas ele não resiste
Neste fado triste,
Brincadeiras de mau gosto.”*

É importante ressaltar que “espaço” não se resume apenas à dimensão física, mas à composição entre esta e a dimensão social. A primeira é produzida pela segunda e, ambas estão intimamente entrelaçadas. Neste sentido, Coimbra perdeu não só os edifícios históricos, como também património imaterial irrecuperável.

A comunidade da Cidade Universitária da época era caracterizada pelo forte relacionamento entre os estudantes e os moradores, as tradições das tascas que atravessavam gerações, as casas que eram pontos de referência pelos estudantes ilustres do passado que moraram ali, os grupos folclóricos e as festas ou a própria rotina das atividades dos moradores e dos estudantes.

Muitos dos historiadores desta temática, quando descrevem a Alta da época das demolições não falam apenas dos edifícios, falam tanto quanto dos salatinas que eram também referências para os estudantes e para os

outros moradores. Para tentar ilustrar este aspecto Torgal (1989, p.19) relata que “as Camelas ou a Tia Maria Camela, que podia ser qualquer das três irmãs, já que todas tinham o nome da Virgem e eram Camelas. Bondosas, verdadeiras amigas dos estudantes a quem ajudavam e socorriam nos momentos de baixa — quando a barra subia, pagavam-lhe eles, geralmente com juro.”

Ainda outras figuras da época poderão servir como exemplos especiais daquele contexto: o tão lembrado Pirata e o Jesuíta descrito aqui também pelo Torgal (1989, p.19) quando nos conta que “o consagrado Pirata e o seu vizinho o Jesuíta. Não havia comparação nas relações de um e outro com a malta.”

São lembrados outros nomes como Padre Américo, Flávio guitarrista, o Bom Homem (dono de uma cafetaria), o Texeira, o Calmeirão (sapateiro de esquerda), Chico Estata (cocheiro que transportava também os estudantes), João Bufo (que prestava recados), o Paixão Pinta a Pêra, o Aniceto (conhecido por ensinar um papagaio a dizer palavrões), o Descanço Semanal (um sujeito preguiçoso), o Missa (cantava com os estudantes pelas ruas), o Formiga, o Henrique Marreco, o Ricardo Caganeta, o Dim Dim, o Mau Génio (sapateiro) e seu companheiro o Dr. Aço, a Ana da venda e a lista só dos salatinas é grande.

OS BAIROS SOCIAIS

Começada a demolição da Alta, a periferia da cidade também cresceu. Porém, enquanto eram construídos aqueles imponentes edifícios à custa de muitas demolições e muita força de vontade por parte do governo, a Câmara Municipal viu-se obrigada a travar um projecto de habitações económicas por falta de verbas. Este quadro foi alterado posteriormente com uma iniciativa do Estado e aparentemente também pela necessidade de realojar as famílias da Alta (ROSMANINHO, 2006, p. 97-102).

Enquanto a paisagem da cidade mudava rapidamente, as vidas dessas pessoas seguiram o mesmo ritmo. Começando pelas rápidas expropriações em 1942 e logo finalizadas um pouco mais de um ano

depois, em 1943, deram início à expulsão dos salatinas da área a ser demolida na Alta.

Sobre estas mudanças e movimentações, Rosmaninho (2006, p. 99) reporta que o engenheiro responsável para fazer a atualização da planta da cidade considerou que era "mais prático e mais econômico refazer completamente", pois as mudanças entre 1937 e 1957 foram muito radicais.

3. "Os Salatinas da Alta, fundadores forçados do Bairro de Celas" (Alta de Coimbra. História – Arte – Tradição. 1º Encontro sobre a Alta de Coimbra. Coimbra, 1988, p. 136 - 137.

Para onde foram os Salatinas? Quem responde completamente a esta pergunta é José Manuel Azevedo e Silva³, começando por dizer que os Salatinas que tinham posses puderam construir ou adquirir outra casa em outros lugares, outros que tinham um ordenado suficiente puderam ir para os Bairros do Calhabé e Loreto, mas os mais carentes foram para casas modestas em bairros construídos especialmente para realojá-los. Além dessa perspectiva, este autor aponta mais detalhadamente as informações listando que "no Bairro do Alto de Santa Clara, 4 famílias; no Bairro da Lomba da Arregaça, 32 famílias em 4 blocos de 8 fogos cada um; no Bairro do Fonte do Castanheiro, à Arregaça, 100 famílias; no Bairro de Celas, 100 casas com outras tantas famílias."

Mas os Salatinas geralmente trabalhavam na Alta (além daqueles que perderam seus comércios) e depois da mudança tiveram que se adaptar rapidamente à rotina de se deslocar de suas residências nas periferias.

Para complementar melhor a ideia das mudanças ocorridas no modo de vida dos salatinas, Gomes (2008, p. 3) esclarece sobre o caso específico do Bairro de Celas afirmando que "muitos são os fatores que modificaram na vida dos habitantes do Bairro de Celas: melhoraram as condições de habitação (passaram a ter casa de banho completa, água e electricidade), aumentaram as despesas (renda da casa, água, electricidade, transportes), passaram a viver num local ermo, isolado e de difícil acesso, estavam mais longe do local de trabalho e de infra-estruturas básicas (mercearias, padarias, farmácias, consultórios), alteraram os seus horários do dia-a-dia, passaram a ocupar de forma diferente os seus tempos livres e mudaram as suas práticas religiosas (não só a frequência como também a igreja que frequentavam)."

4. Jornal O Despertar de 10 de Janeiro de 1953. O autor sob o pseudónimo de JOBE (João Benedito) que tinha uma secção com o título genérico "Notícias do Bairro de Celas". Consultado em "Os Salatinas da Alta, fundadores forçados do Bairro de Celas" (Alta de Coimbra. História – Arte – Tradição. 1º Encontro sobre a Alta de Coimbra. Coimbra, 1988, p. 138 - 142.

5. "Os Salatinas da Alta e a criação do Bairro de Arregaça" (Alta de Coimbra. Que futuro para o passado?. 2º Encontro sobre a Alta de Coimbra. Coimbra, 1995, p. 163 - 164.

José Manuel Azevedo e Silva relembra um artigo⁴ do jornal *O Despertar* sobre os cinco anos de saída dos salatinas da Alta para o Bairro de Celas, em 1953, no qual o articulista esclarece que:

"Para ilustrar em concreto as dificuldades de readaptação dos Salatinas de Celas, em tudo idêntica às daqueles que foram para outros bairros, citemos alguns exemplos: o marceneiro Ricardo, homem já idoso, teve de adaptar um dos quartos da sua pequena casa do Bairro de Celas para aí poder continuar a trabalhar; o alfaiate Victor Torres Figueiredo tinha de se deslocar a pé, a casa dos clientes, gastando imenso tempo a ir buscar a obra, a fazer as provas e a entregar os fatos, até que se foi desligando dos velhos fregueses, à medida que foi arranjando nova clientela no Bairro de Celas; a modista Zezinha foi morar para o Bairro de Celas, mas alugou uma loja nos Arcos do Jardim, para aí trabalhar e receber as suas clientes; a Laura Turca, lavadeira e arrumadeira de quartos dos estudantes, continuou a deslocar-se diariamente do Bairro à cidade para assegurar o seu trabalho e o seu sustento."

Essa alteração no modo de vida não é apenas uma alteração na rotina das pessoas, não é meramente uma mudança de horários e distâncias.

Sobre este mesmo assunto José Manuel Azevedo e Silva⁵ ainda comenta que "quando o homem, por sua iniciativa, decide mudar de domicílio, de localidade, de região ou país, há sempre, sejam quais forem as circunstâncias, uma ruptura afectiva com o espaço que deixa e um processo, mais ou menos difícil, de readaptação ao novo espaço em passa a viver". Na sequência, o mesmo autor complementa apontando para a situação dos salatinas que foram desalojados, foram forçados e obrigados a saírem em grande número do lugar que estavam apegados.

Na Velha Alta havia uma comunidade incomum que foi espalhada pela cidade, fragmentos vivos de um espaço que desapareceu (ou não?).

DOCUMENTAR

Um dos principais objetivos deste trabalho é documentar as memórias dos poucos salatinas que viveram precisamente na época das demolições, recorrendo ao registro das suas próprias versões da história.

Sobre a arte de documentar convém lembrar dos primórdios do cinema quando, depois dos elaborados filmes com 46 frames por segundo de Thomas Edison, os irmãos Lumière inventaram um sistema de projecção com 16 frames por segundo (THOMPSON & BORDWELL, 2003, p.16-

19), e com esta inovação um documentário foi produzido e Thompson & Bordwell (2003, p. 19) contam-nos que “the first film made with this system was *Workers Leaving the Factory*, apparently shot in March 1895”. E por inspiração deste, em Portugal, no ano de 1896, Aurélio da Paz dos Reis também filmou “Saída do Pessoal Operário da Fábrica Confiança”.

Assim como os temas destes primeiros filmes evidenciam, o cinema caminha junto com as evoluções tecnológicas durante a Revolução Industrial e gradativamente ocupa o seu lugar desenvolvendo o seu papel social e cultural que, como revelam Thompson & Bordwell (2003, p. 23), “the new medium of film moved smoothly into this spectrum of popular entertainment. Like the early films that we have already mentioned, most subjects were nonfiction, or actualities”.

Ao entrar neste campo do “documentar” há que se conhecer os tipos de documentários tradicionais e, entre as (aparentemente) várias classificações e diferentes críticas sobre os estilos, há uma classificação geral de Barnouw (1993), a qual seleciona vários realizadores e filmes diversos e os agrupam em definições que também irá caracterizar os respectivos estilos como:

Prophet: "the inventors of cinema, who were a legion, included diverse showmen, and others with interests far from showmanship. Some of these were scientists who felt a compelling need to *document* some phenomenon or action, and contrived a way to do it. In their work the documentary film had prenatal stirrings" (BARNOUW, 1993, p. 3) . Portanto, este género é caracterizado pelos estudiosos que usaram as novas tecnologias para suas pesquisas e estas foram as precursoras de filmes documentários.

Explorer: Este género surgiu com Robert J. Flaherty quando registou uma das viagens que fez com seu pai e daí extraiu um documentário sobre os esquimós, chamado de *Nanook of the North* que era o nome da tribo que ele filmou (BARNOUW, 1993, p. 33).

Reporter: "Futurism, a movement sweeping through Europe from its 1909 beginnings in Italy and France and invading all the arts, gloried in the clamor and rhythm of machines, and the dynamism of a word-

montages; they were intoxicated with long catalogues of words in the manner of Walt Whitman, to whom they owed much. Its composers called for inclusion of sounds, as symbols of modern life, in orchestral instrumentation" (BARNOUW, 1993, p. 52). O nome que representa este estilo é o de Denis Arkadievich Kaufman, mais conhecido como "Dziga Vertov", que filmou *The Man With the Movie Camera*.

Painter: "In the 1920's painters infiltrated in numbers into the film world. Along with sculptors, musicians, writers, architects, still photographers, and others they joined cine-clubs—the first was formed in Paris in 1924—to look at films, talk about films, and present their own experimentes. The cine-club was in part a protest against the commercialism of cinema; even more, a recognition of its power over men" (BARNOUW, 1993, p. 71).

Advocate: O realizador pioneiro neste estilo foi John Grierson e definido por Barnouw (1993, p. 85) da seguinte maneira: "was studying at Glasgow University and earning distinction in moral philosophy, he was already thinking about film. He sensed that film and other popular media had acquired leverage over ideas and actions once exercised by church and school". E uma expressão deste documentarista que define muito bem o estilo é "I look on cinema as a pulpit..." (BARNOUW, 1993, p. 86).

Bugler: Definido por Barnouw (1993, p. 139) por este trecho introdutório: "when German armies drove into Poland in September 1939, they plunged also into the genre that was to dominate documentary production throughout World War II: the bugle-call film, adjunct to military action, weapon of war. The film maker's task: as to the faithful, to stir the blood, building determination to the highest pitch; as to the enemy, to chill the marrow, paralyzing the will to resist." Até Frank Capra famoso por comédias românticas fez sua contribuição para este género.

Prosecutor: "Among film men of advancing armies, closing in on Germany and Japan, an activity receiving urgent attention was the documenting of war crimes. Almost all the belligerent armies were involved" (BARNOUW, 1993, p. 172).

Poet: "Several trends emerged as the smoke of battle cleared. One was

toward documentary-like fiction. The widespread ruins of war helped set this trend in motion: they served as invitation to reconstruct the war experience and at the same time to mythologize it" (BARNOUW, 1993, p. 185).

Chronicler: "the stream of documentary production, after flowing forcefully in wartime, had split into several channels. One channel, which soon appeared to widen and deepen, was that of historic chronicle" (BARNOUW, 1993, p. 198).

Promoter: "to the rise of the documentary, industrial sponsors had contributed intermittently, but with distinction. The fur merchant Revillon Frères had made possible the first documentary masterwork, Flaherty's *Nanook of the North*" (BARNOUW, 1993, p. 212). Este tipo de documentário também foi muito explorado durante a *Guerra Fria*.

Observer: "the film makers were *observers*, rejecting the role of promoter. New, light equipment made possible an intimacy of observation new to documentary, and this involved sound as well as image" (BARNOUW, 1993, p. 231). Um realizador que se destacou neste estilo foi Albert Maysles que preferia defini-lo como *direct cinema*.

Catalyst: Este tipo de documentário surgiu depois que Jean Rouch recebeu muitas críticas por parte do grupo que tinha filmado e propôs, numa filmagem seguinte, que um membro da comunidade assistisse e comentasse as imagens antes de serem finalmente editadas. Ele ficou tão impressionado que usou os comentários na edição final. Esta experiência teve continuação, sendo que antropologistas também se interessaram pela ideia e incentivaram comunidades a filmarem e editarem seus próprios documentários (BARNOUW, 1993, p. 253-262).

Guerrilla: "In countries of eastern Europe there was talk about 'black films'. The term apparently originated in Poland in the mid-1950's, the time of the de-Stalinization, when there was a 'springtime thaw' in socialist areas. In the liberalized atmosphere fostered by Khrushchev, films with a critical point of view seemed to be tolerated. The novelty of the phenomenon called for a new term, and "black film" was the result. It carried—at least at first—no unfavorable connotations. The term simply

recognized a kind of film different from the rosy-hued booster-films that had predominated" (BARNOUW, 1993, p. 262-263).

Outra classificação estabelecida por Nichols (2001, p. 138) propõe uma divisão dos documentários em seis tipos: "hollywood fiction [1910s]: fictional narratives of imaginary worlds"; "poetic documentary [1920s]: reassemble fragments of the world poetically"; "expository documentary [1920s]: directly address issues in the historical world"; "observational documentary [1960s]: eschew commentary and reenactment; observe things as they happen"; "participatory documentary [1960s]: interview or interact with subjects; use archival film to retrieve history"; "reflexive documentary [1980s]: question documentary form, defamiliarize the other modes."

Além dos documentários tradicionais é importante complementar este quadro com uma breve definição acerca dos documentários interativos, e, sobre isto, Gaudenzi (2009 apud Gifreu, 2011) esclarece que "if documentary is a fuzzy concept, digital interactive documentary is a concept yet to be defined. This comes with no surprise, since it is an emergent field, but the lack of writing on digital interactive documentary has also to do with the fact that new media artists do not consider themselves documentary makers, and therefore they call their work anything but interactive documentaries. In 2002 artist and academic Mitchell Whitelaw was noticing the rise of the terminology 'interactive documentary'".

Recordando que este trabalho será exposto online e um dos objetivos específicos é envolver interatividade, neste ponto convém discutir brevemente este conceito.

Reconhecemos a importância da interatividade quando pensamos sobre a necessidade moderna de ter liberdade no aprendizado ao escolher como se quer pesquisar e a respectiva quantidade de informação que se pretende aceder. Diante deste novo quadro, Falk, Dierking e Adams (In *A companion to museum studies*, 2006, p. 324) dizem-nos que "in the twenty-first century, the learning strategy of choice for most people, most of the time, will be free-choice learning".

PROJETOS RELACIONADOS

Depois das discussões introdutórias, dentro do contexto da tendência de “free-choice learning”, torna-se importante conhecer de que forma se encontram em produção os documentários interativos no âmbito desta linha e também expor alguns exemplos de documentários tradicionais.

Para se antever à escolha de qual direção deveríamos tomar para desenvolver este trabalho, foi preciso definir melhor a metodologia, começando inicialmente por analisar trabalhos semelhantes ou relacionados a este propósito.

6. Um premiado projeto que reúne documentários interativos e colaborativos pertencente ao *National Film Board of Canada* (<http://highrise.nfb.ca/>).

HIGHRISE⁶

Os documentários pertencentes ao projeto "Highrise", definido pelos realizadores como “the towers in the world, the world in the towers”, giram em torno do tema dos edifícios multifamiliares. E sobretudo são trabalhos relacionados porque trata-se principalmente de documentários interativos.

O grande sucesso desta série de documentários deveu-se ao facto de, pela sua natureza, envolver a população e incentivar a participação no sentido de promover mudanças positivas, além de levantar a questão propositadamente sobre esses tipos de elementos arquitetónicos que alteram a paisagem urbana. Série, esta, composta por três projetos: “One Millionth Tower”, “Out my Windows”, “The Thousandth Tower”, que serão comentados individualmente a seguir.

As características principais do documentário em questão são a combinação entre registos fotográficos e de áudio e o uso de tecnologias da internet. A partir disso, os resultados são diversos entre os três projetos, mas todos precisam da participação do espectador para assistir à exposição virtual.

Outra característica recorrente nos três projetos é a de que as pessoas que moram nos “arranha-céus”, além de contarem um pouco das suas histórias, de suas rotinas, falam também sobre o entorno de suas casas.



Figura 01 - Portal do projeto *Highrise*.

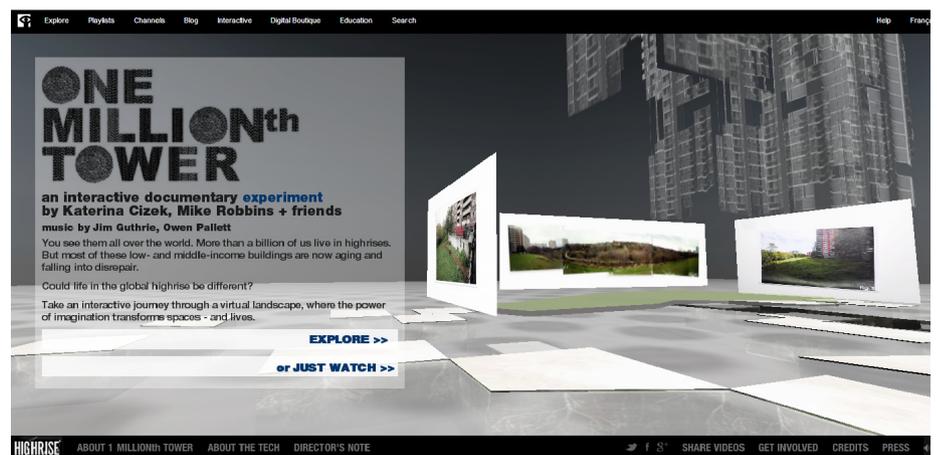


Figura 02 - Portal do documentário *One Millionth Tower*.

“One Million Tower” é um projeto que fez a proposta aos moradores de um edifício multifamiliar a re-imaginarem o seu espaço e, a partir de ilustrações, animações e desenho 3D, reunirem essas sugestões. Os espectadores, por sua vez, podem através do documentário conhecer um caso de planejamento urbano com participação direta da comunidade.



Figura 03 - Portal do documentário *Out My Window*.

Neste documentário “Out My Window”, a realizadora escolheu 13 cidades, cada uma em um país diferente. Por meio de colagens num ângulo de 360°, o apartamento é mostrado como se o espectador estivesse dentro dele, sendo mostrado, para além disso, imagens do seu entorno através da vista das janelas. Seguindo a mesma linha de estilo da realizadora Katerina Cizek, o ambiente é ilustrado por essas colagens de fotografias e registo de áudio.



Figura 04 - Portal do documentário *The Thousandth Tower*.

O nome deste documentário é justificado na afirmação dos realizadores de que Toronto tem mais de 1000 edifícios multifamiliares e dizem ainda que é um número superior a qualquer outra cidade na América do Norte, à exceção de Manhattan.

Através de registos fotográficos e de áudio, seis pessoas foram convidadas a documentar as suas vidas ali. E juntamente a estes registos, esteve a iniciativa de promover a opinião da comunidade em favor de apontar melhorias.

Ainda no início deste documentário há um trecho em que declaram: “this spring, the participants of The Thousandth Tower photo workshop will present this work at two major downtown events to reach politicians, city administrators, architects and urban planners”.

7. Disponível no jornal *Expresso online*. (<http://expresso.sapo.pt/historias-da-avenida-almirante-reis=f772870>).

HISTÓRIAS DA AVENIDA ALMIRANTE REIS⁷

Este projeto pertence a uma iniciativa do jornal *Expresso* que, depois de ter ganhado quatro prémios relativos à secção de infografia em 2011, decidiu abrir um canal específico para dedicar a este assunto.

E uma das publicações dessa secção é a um mapa em 3D que conta a história da vizinhança a partir da interação do espectador, mostrando uma série de fotografias combinadas com áudio sobre alguns moradores daquela avenida.

A interação acontece, depois da abertura da aplicação multimédia, quando indica todos os pontos para o visitante carregar com o rato. Há pontos que mostram fotografias relativas à paisagem daquele ponto no mapa e outros pontos que, ao se carregar, abre-se um depoimento de

E INÍCIO POLÍTICA SOCIEDADE INTERNACIONAL ECONOMIA DESPORTO CULTURA OPINIÃO EMPREGO CASAS



Figura 05 - Abertura da aplicação.

um morador composto por fotografias e áudio. Assim, através desses mecanismos, os realizadores caracterizam esta avenida.

A sensação que se tem ao passear virtualmente pelo sítio é de que conhecemos o local tal como alguém que vive ali durante algum tempo e pouco a pouco conhece-se, inclusive, toda a vizinhança. Pois, num primeiro contato com a paisagem de um bairro tomamos como ponto de referência certas edificações, fazemos associações com cores diferentes ou com algum elemento que capte mais a atenção. Mas, apenas depois de um tempo de convívio com a comunidade, é que conhecemos os moradores que são referência no local.

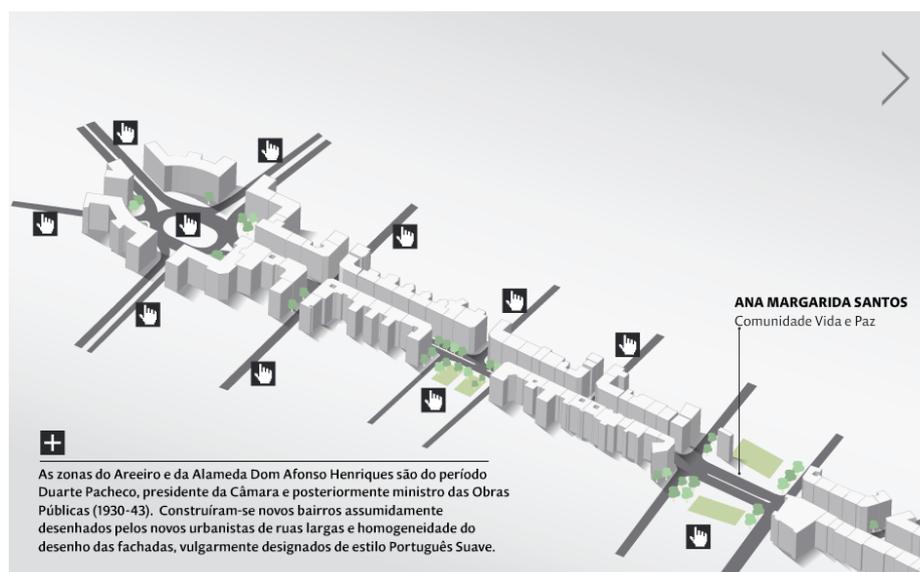


Figura 06 - Mapa da Avenida Amiranter Reis.

HEYGATE LIVES

Em 2010, Sheena Bouchier, Nerissa Davies, Jerry Lee e Judit Layana, iniciaram as coletas de descrições e histórias relativas a uma área conhecida como *Heygate Estate*, na Inglaterra.

Estes registos posteriormente comporiam um documentário de narrativa não-linear que seria acessado através de uma aplicação web para *iphone*, com o objetivo de manter vivas as memórias acerca daquele espaço depois de demolido.

O usuário precisa caminhar pelo local com a ajuda de um mapa e descobrir estas histórias atribuídas a vários locais. A cada ponto do mapa, em cada história, tem a liberdade para escolher o que quiser visualizar primeiro, administrando o tempo que quer dedicar à pesquisa e filtrar as informações conforme o seu interesse.



SCREEN CAPTURES

Figura 07 - Abertura do aplicativo.



SCREEN CAPTURES

Figura 08 - Aparência do aplicativo Heygate Lives.

INSIGHT

É um projeto, ainda em desenvolvimento, de autoria de Yael Alkalay, uma designer residente nos Estados Unidos, que pensou em reunir fotografias do interior e exterior de residências de qualquer lugar do mundo, de pessoas que tiverem disposição para participar.



Figura 09 - O mapa e a marcação dos usuários.

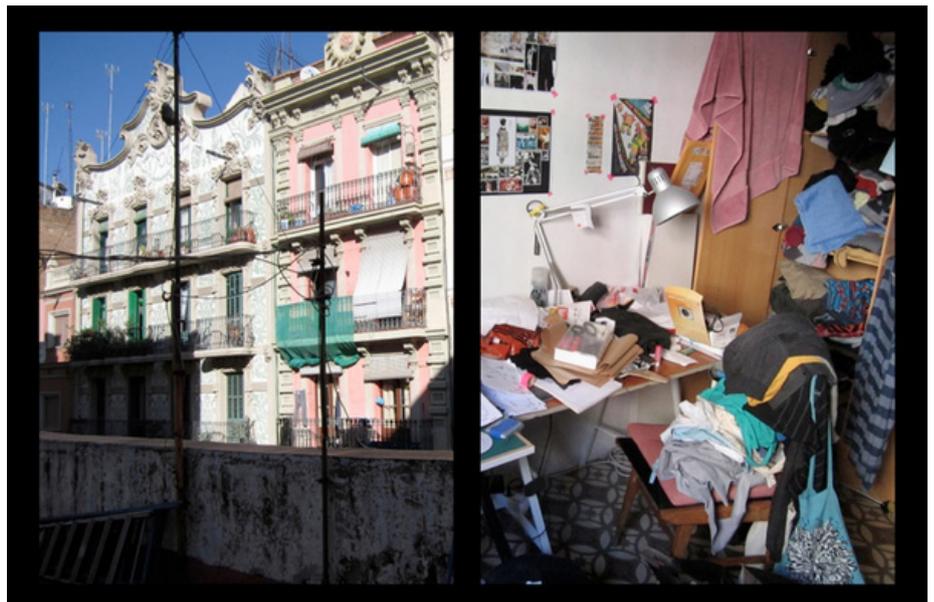


Figura 10 - Fotografia do exterior e interior da casa de um usuário.

Trata-se de uma plataforma online que será basicamente resumida a um mapa mundo, através do qual cada pessoa é representada por um ponto de acordo com a sua posição geográfica. A partir dessa figura simplificada do mapa com os pontos, cada pessoa expõe duas fotografias: uma do exterior, vista da sua janela, e outra do interior de sua residência.

O projeto não se limita apenas à rede social, à interação entre os usuários, mas há uma segunda etapa de exploração dessas imagens quando a autora desenvolve uma exposição em que se projeta essas vistas internas e externas de apartamentos de vários países aleatoriamente nas fachadas dos edifícios.

Aparentemente a intenção da autora é uma exploração tecnológica, estética e, além disso, uma intervenção no espaço urbano. Ela comenta que o objetivo do projeto é incentivar a “aproximação” entre as pessoas e permitir que os transeuntes que assistem à exposição participem do “mundo” de pessoas distantes geográfica e culturalmente.



Figura 11 - Exposição das fotografias.

MIGR@NTHOME

Com início em 2011, este é um projeto de Noémie Flecher que ainda está em desenvolvimento, e que tem por objetivo reunir descrições sobre o que significa "lar" a partir do ponto de vista de emigrantes, das suas histórias, comparações e descrições dos ambientes.



Figura 12 - Trailer de MIGR@NTHOME.



Figura 13- Do acervo de imagens do documentário MIGR@NTHOME.

Estas informações serão expostas através de uma plataforma online e que constituirá um web documentário construído a partir de fotografias do cotidiano de emigrantes combinadas com gravações de áudio em que os mesmos falam sobre o que é um “lar” para eles.

O objetivo deste trabalho, segundo a autora, é permitir liberdade ao visitante para explorar a casa e conhecer sobre a vida dos moradores, como que numa experiência real entrasse numa determinada casa e nela pudesse circular livremente.

2 FACES

A exposição online é, na verdade, um resultado ou uma parte de uma exposição física que aconteceu em 2011, no Cinema S. Jorge, em Lisboa. A equipa foi composta por Luís Mileu e Ricardo Henriques e 10 ilustradores (Afonso Cruz, Antónia Santolaya, Enrique Flores, José Mendes, Nuno Saraiva, Pedro Carmo, Pedro Gonçalves, Pedro Zamith, Ricardo Paula e Rui Morais).



Figura 14 - Abertura do site 2 FACES.

São apresentadas 10 pessoas que nos contam suas histórias. Elas todas têm em comum um passado problemático, mas que superaram e contam suas experiências sobre suas transformações. As ilustrações representam o passado e as fotografias o presente.

A navegação do *site* foi, numa primeira impressão, bem convidativa e a

composição entre ilustrações e fotografias não foi meramente estética, mas representou muito bem a ideia de mostrar os dois lados e manter o foco no depoimento da transformação positiva em suas vidas.



Figura 15 - Opção de visualização com ilustrações.



Figura 16 - Opção de visualização com fotografias.

HISTÓRIAS COM M

Em 2010, José Carlos Costa desenvolveu uma proposta para o McDonald's para reunir histórias de vida bem sucedidas de pessoas que trabalharam com eles, em comemoração aos 20 anos da empresa em Portugal. Estas histórias foram, depois, expostas num *website* que ajudaria na divulgação da ideia para que mais pessoas participassem.

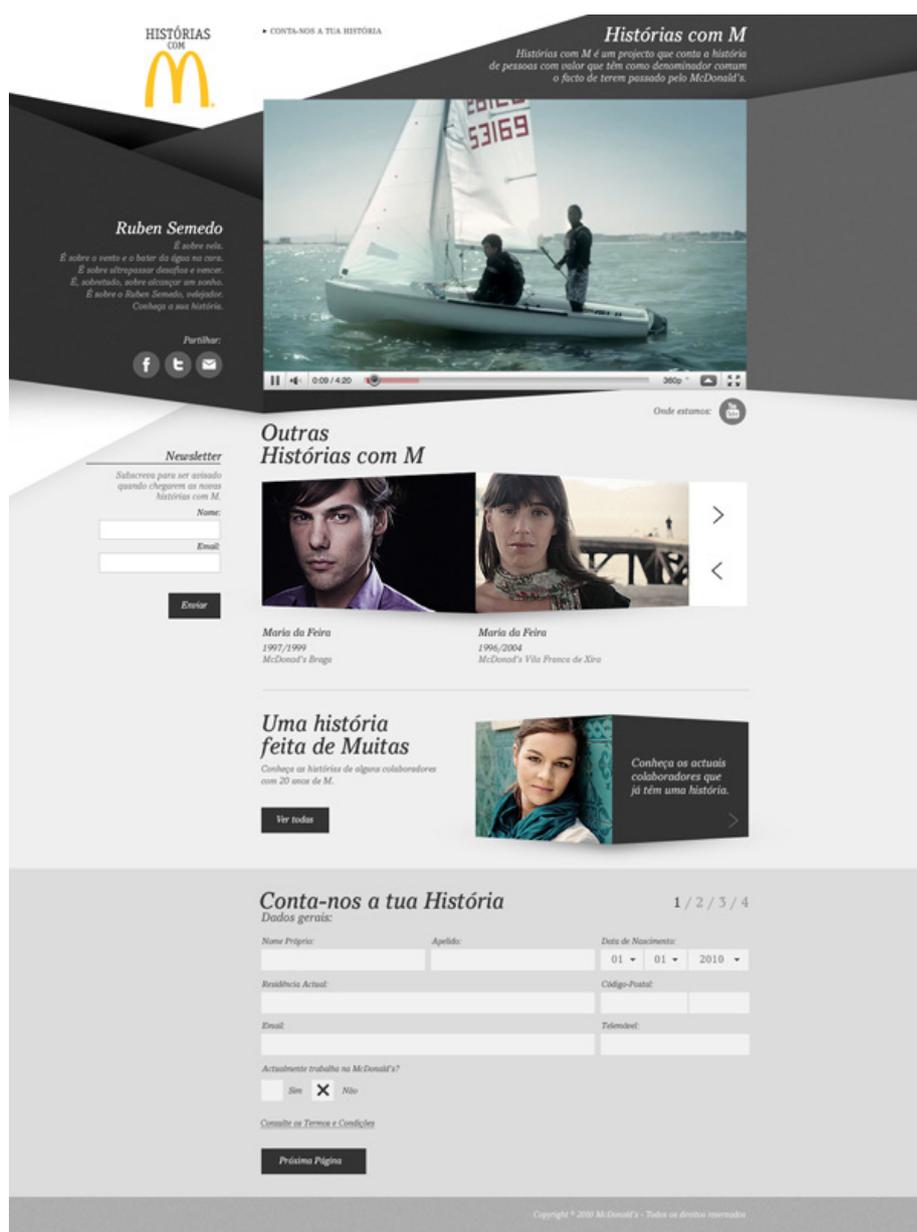


Figura 17 - Website de "Histórias com M".

Ainda que o site apresente uma estrutura muito convencional, para assistir o depoimento de cada participante, depende do espectador escolher em que ordem quer vê-los. E, embora pareça ser apenas uma plataforma *online* para expor os vídeos, este é um exemplo que representa o estilo de documentário não-linear.

Entre todos os exemplos, este parece ter a navegação mais "tradicional", sem articular um conceito à esta. Se comparado aos sites dos documentários *Higbrise* e ao estilo de navegação, a diferença é evidente e não causa um impacto no usuário na exploração do conteúdo da mesma maneira.

DOCUMENTÁRIOS TRADICIONAIS

Além de todos estes trabalhos, que envolvem interatividade e seguem a linha dos "web documentários" ou documentários interativos, é importante acrescentar ainda ao conjunto de referências para este projeto, alguns exemplos de documentários lineares.

Apesar do projeto em questão neste trabalho constituir uma exposição em um *website*, foram realizadas entrevistas com gravação de vídeos e para ajudar a tomar decisões sobre que tipo de abordagem adotar durante as gravações também foi feita uma pesquisa sobre tipos de documentários tradicionais.

Serão destacados a seguir: *Grey Gardens*, *En Construcción* e *Urbanized*, embora uma comprida lista entre novas realizações e clássicos merecessem ser mencionados.

GREY GARDENS

Em 1973, os irmãos Albert e David redescobriram as primas falidas de Jacqueline Kennedy, Big Edie e little Edie, mãe e filha respectivamente, esquecidas em uma mansão em condições muito ruins.

Aparentemente, os realizadores se tornaram quase que "nativos" naquele ambiente, conquistaram a confiança das duas senhoras e até que um clima de intimidade é tão grande que o espectador poderia se sentir "intruso" ali.

Este tipo de documentário definido como *observer* é o estilo que caracteriza Albert Maysles, que quando o próprio falava sobre sua maneira de trabalhar e como foram as circunstâncias durante a gravação de suas obras, passava a ideia de decisões espontâneas e sem um guião fixo, considerando-se muito as circunstâncias momentâneas.

O realizador costumava dizer que uma afirmação de Alfred Hitchcock o inspirava a fazer documentários: "In a fiction film the director is god. In a non-fiction film, the documentary, God is the director."



Figura 18 - Little Edie com sua criatividade para se vestir.



Figura 19 - Big Edie prestes a cantar sua canção preferida.

EN CONSTRUCCIÓN

Um documentário lançado em 2001, sobre o Bairro de Raval, em Barcelona, realizado por José Luis Guerin durante três anos com a colaboração de seus estudantes.



Figura 20 - Conversa muito peculiar no bar.

Este filme foi selecionado porque também segue a linha *observer* e o realizador registra o cotidiano de uma comunidade enquanto decorria um projeto de reabilitação do bairro.



Figura 21 - Registrando momentos na construção.

Neste trabalho a presença do realizador é como se ele também tivesse se tornado nativo., não como em Grey Gardens em que é explícita a presença da câmara e tem um tom mais realista. O enquadramento, neste filme, é planeado e são também usadas duas câmeras simultaneamente, apesar de se perder o tom espontâneo, percebe-se que o realizador quis atribuir um tom poético ao cotidiano dos moradores.

URBANIZED

Realizado por Gary Hustwit e lançado em 2011, o assunto deste documentário é acerca do desenho urbano, planejamento urbano e questiona sobre o “futuro” das cidades. E o autor buscou discutir estas questões através das opiniões de grandes arquitetos, políticos, construtores e pensadores tais como: Oscar Niemeyer, Sir Norman Foster, Rem Koolhaas, Jan Gehl, entre outros nomes também influentes, numa lista de mais de 30 profissionais.

Apesar de se afastar muito do tipo de documentários comentados anteriormente, este serve como referência de uma montagem tradicional e entrevistas bem produzidas em relação à técnica de filmagem seguindo um padrão bem comum aos documentários televisivos.



Figura 22 - Trailer de Urbanized.

CONCLUSÕES

A partir dessa revisão podemos ver que se encontram a surgir tentativas diversas de documentários interativos, ainda que alguns críticos do cinema mais tradicionais recusem que sejam definidos como um novo estilo de documentar.

Próprio de tudo que é novo, ainda é difícil de se ver em muitos casos um estilo tradicional que os tenha influenciado, se foram pensados para a interatividade ou se realmente surgiu uma nova abordagem que até lembra muito o tipo de documentário *Catalyst* quando o *National Film Board of Canadá* tinha lançado um desafio para que comunidades registrassem seus modos de vida, a câmera nas mãos dos leigos em cinema.

Outro aspecto muito recorrente é a composição de fotografias e áudio ao invés do tradicional vídeo, e isso acontece nos web documentários do "*Higbrise*", "*Histórias da Avenida Almirante Reis*" e "*2faces*", além daqueles que estão em fase de projeto mas que parecem seguir o mesmo estilo como os "*Migr@nthome*" e "*Insight*".

Portanto, com as possibilidades que as tecnologias da internet trouxeram, novas e várias experiências encontram-se a ser desenvolvidas e os "documentaristas" estão descobrindo uma nova maneira do espectador participar através dessas ferramentas.

OBJETIVOS E MÉTODOS

Como já mencionado anteriormente, um dos principais objetivos é resgatar memórias do espaço demolido na Velha Alta através de vídeo-entrevistas das pessoas que foram desalojadas e documentar o outro lado da intervenção. São pormenores que fotografias não poderão revelar e, por essa razão, torna-se urgente a realização deste registo dada a idade já avançada dessas pessoas que presenciaram e que protagonizaram o pior lado dessa história. De seguida, em posse dessas memórias memórias, pretende-se uma aplicação *online* que ajude a "reconstruir" aquele espaço destruído, de maneira a fazer com que o espectador recrie na sua imaginação.

Com este registo e exposição *online* pretende-se retomar o assunto e voltar a gerar discussões sobre intervenções na cidade. Além de retomar aquele momento, muitos anos mais tarde, também é um dos objetivos que este material seja disponibilizado e usado como um elemento de pesquisa no futuro e ser, inclusive, gerador de outros documentários. Talvez possa, também, servir como agregador de outros tipos de documentários relacionados aos bairros sociais realizados quer seja na forma analógica (impressos) ou digital (projetos multimédia). Como objetivos mais específicos, tencionamos reunir todas as memórias desses últimos salatinas nos bairros sociais e, com elas, "reconstruir" aquele espaço destruído.

Como ponto de partida para desenvolver o conceito foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre os documentos e registos relacionados ao tema. Foram encontrados além de relatórios históricos sobre as demolições na Alta, também algumas atas dos dois primeiros encontros sobre a Alta de Coimbra. Nestes textos, nota-se os discursos carregados de saudades da comunidade salatina e do património destruído.

Nestas atas encontra-se detalhadamente registado, em números, os destinos dos salatinas quando foram sendo forçados a sair, e, a partir dessas informações, com o auxílio do Departamento de Habitação,

contatou-se os presidentes dos bairros de Celas e de Fonte do Castanheiro para procedermos à procura dos últimos salatinas, pois foram os bairros que mais receberam famílias da Alta demolida.

No Bairro de Celas descobrimos a Sra. Manuela que se casou durante as demolições e saiu da Alta para viver com o seu marido que já estava realojado ali. Na mesma rua descobrimos a Sra. Milu que saiu ainda criança da Alta. E, a partir dela, soubemos sobre o Sr. Carlos Dias, que é seu irmão e é o conhecido como "Velhustro" pois coleciona e vende antiguidades numa pequena loja na Baixa. Voltando ao bairro, conhecemos também a Sr. Maria da Conceição que, apesar de ter saído da Alta quando era criança, ainda lembra tudo que viveu lá com muitas saudades. E por fim, o Sr. Vito que também foi um dos primeiros a sair com as demolições, mas que ainda trabalhou lá recolhendo os entulhos.

Como abordagem para as entrevistas, a opção foi não fazer perguntas que inspirassem respostas curtas. Portanto, não foram formuladas perguntas objetivas, mesmo assim, foram sempre apontadas intencionalmente para os tópicos sobre os quais poderíamos conversar e obter o máximo de informação possível. Antes de começar a gravar, esses interesses foram revelados às pessoas que até sugeriam assuntos sobre os quais poderíamos falar. A partir desse panorama favorecido pela transparência acerca do propósito da conversa que poderíamos ter, os entrevistados começavam então por contar as suas memórias. A nossa intenção era de que a pessoa contasse a sua história livremente, que tivesse liberdade para introduzir os detalhes que lhe apetecesse e, nesse espírito, o Sr. Vito sugeriu ir à Biblioteca Municipal para fotografar os jornais antigos que falassem sobre a Velha Alta e sobre o bairro, porque considerou que as pessoas deveriam também ter a oportunidade de ler aqueles artigos, que para ele, são de grande valor.

A gravação dos vídeos foi realizada de modo a tentar fazer com que o espectador estivesse ali sentado no sofá ouvindo a conversa, como observador. E para escolher os enquadramentos, as hipóteses de como posicionar a câmara durante a conversa, administrar limitações quanto à iluminação e interferências próprias de gravar num ambiente em que não se pode controlar os imprevistos, enfim, inclusive para se definir uma

linha a seguir, construindo um modelo de forma a criar um padrão, uma estética, buscou-se referências em documentários como o *Grey Gardens* para produzir os vídeos.

O realizador deste documentário, Maysles, tomava partido dos imprevistos durante as gravações e gostava de trabalhar com situações que não fossem produzidas ou que não fossem controladas. Neste sentido, parece oportuno reforçar essa observação com uma frase anteriormente citada, com a qual ele definia a sua inspiração para fazer os documentários: "In a fiction film the director is god. In a non-fiction film, the documentary, God is the director". Portanto, a ideia foi gravar sem uma estrutura tão fixa ou rígida, mas deixar transparecer no vídeo as condições reais acometidas durante as entrevistas.

PLANO DE TRABALHO

Assim, na primeira fase deste projeto o seguinte plano de trabalho foi traçado:

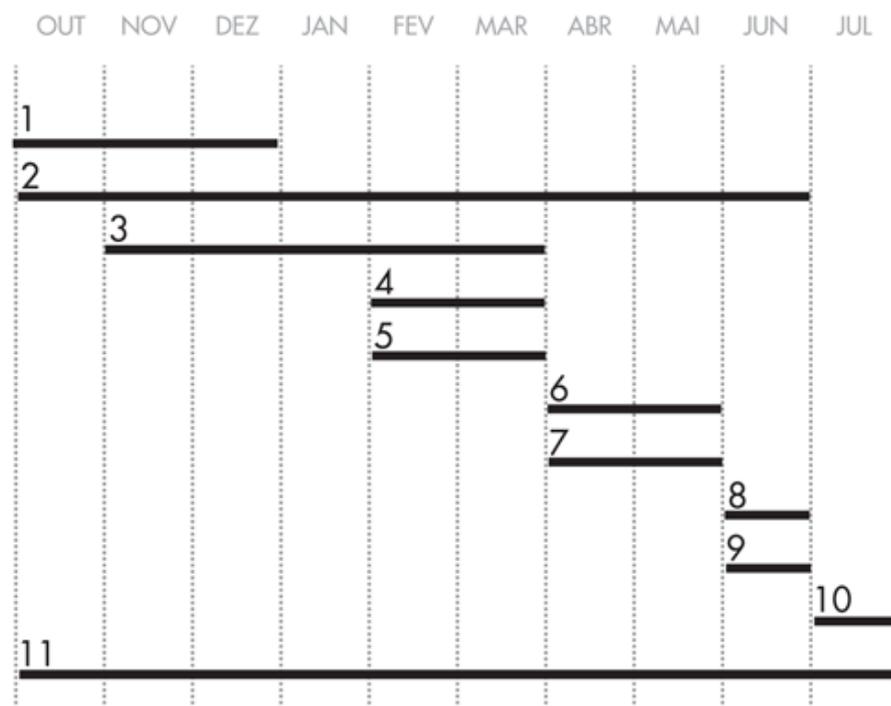


Figura 23 - Planejamento das etapas de trabalho.

A fim de se definir o modo de atuação para o desenvolvimento do projecto, o plano de trabalho inicial foi dividido em 11 etapas que são:

(1)conhecimento do campo de estudo, (2)levantamento bibliográfico, (3)análise de trabalhos relacionados, (4)visitas aos bairros e entrevistas, (5)esboços da interface, (6)edição dos materiais das entrevistas, (7)prototipagem e implementação, (8)implementação, (9)testes de usabilidade e correções, (10)edição geral da componente gráfica do trabalho e (11)escrita da dissertação.

No decorrer do projeto esse calendário foi sendo modificado à medida que alguns imprevistos e dificuldades iam surgindo: desde compras e empréstimos de materiais necessários para a execução do trabalho, ou mesmo a disponibilidade de tempo por parte dos participantes, além de outras dificuldades pessoais com relação ao desenvolvimento do trabalho, alteram o plano inicial. Abaixo segue o plano de trabalho final:

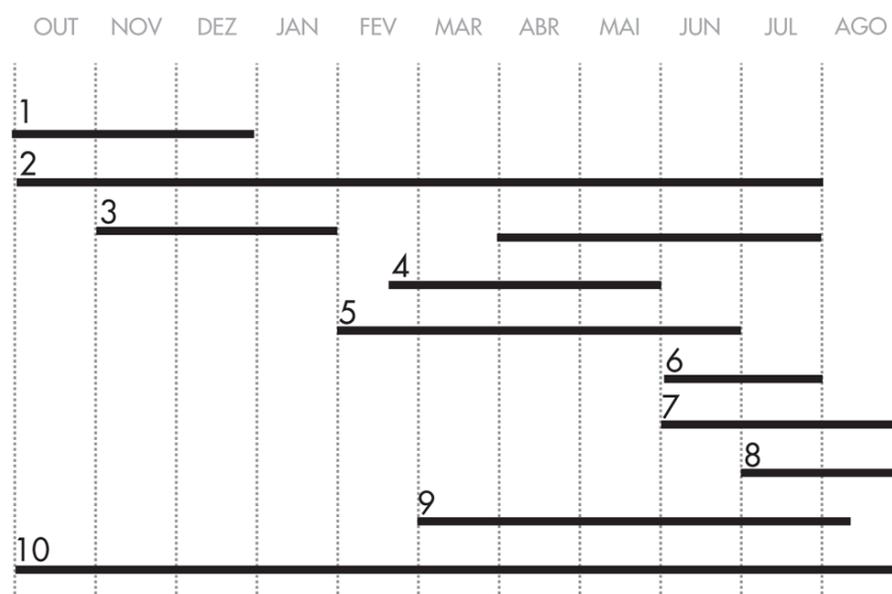


Figura 24 - Plano de trabalho final.

(1)conhecimento do campo de estudo, (2)levantamento bibliográfico, (3)análise de trabalhos relacionados, (4)visitas aos bairros e entrevistas, (5)esboços da interface, (6)edição dos materiais das entrevistas (7)prototipagem e implementação, (8)implementação, (9)edição geral da componente gráfica do trabalho e (10)escrita da dissertação.

RESULTADOS

O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Durante as pesquisas bibliográficas, para se tentar reproduzir os espaços referidos, quer nas descrições de Rosmaninho (2006), quer nas histórias contadas pelos Salatinas era necessário consultar um mapa anterior às demolições que tivesse ainda todos aqueles espaços mencionados. Assim, considerou-se que fosse indispensável que o espectador também tivesse acesso a um mapa com essas condições e simultaneamente às gravações e visitas aos bairros. Desse modo, um grande mapa foi sendo desenhado para acompanhar as memórias e "devolvê-las" aos seus lugares no mapa.

Com a intenção de formular um conceito para navegação no site que ajudasse a tomar decisões durante as gravações e constituir um conjunto articulado: deu-se o início ao desenvolvimento do projeto de design do site antes das entrevistas. Neste processo, muitas tentativas foram feitas até que se chegasse a uma ideia mais intuitiva e totalmente dependente do objetivo do projeto de um *web* documentário sendo, portanto, a evolução do conteúdo acompanhada pela interatividade.

Neste sentido, a ideia para estruturar o *website* iniciou com a identificação da importância de um mapa para a "reconstrução" do espaço durante os depoimentos.

BRAINSTORMING

Como já mencionado anteriormente, os esboços das ideias para a estruturação do site começaram muito antes das entrevistas e inclusive, num primeiro momento, o conteúdo foi organizado como "antes das demolições - durante - saída da Alta e a chegada no bairro". Seguindo esta ordem dos acontecimentos, muitas outras explorações foram feitas, no entanto, nesta ordem segmentada acabavam apenas por dividir o conteúdo em assuntos fracionados, fazendo perder toda aquela articulação e interação com o mapa que são considerados como

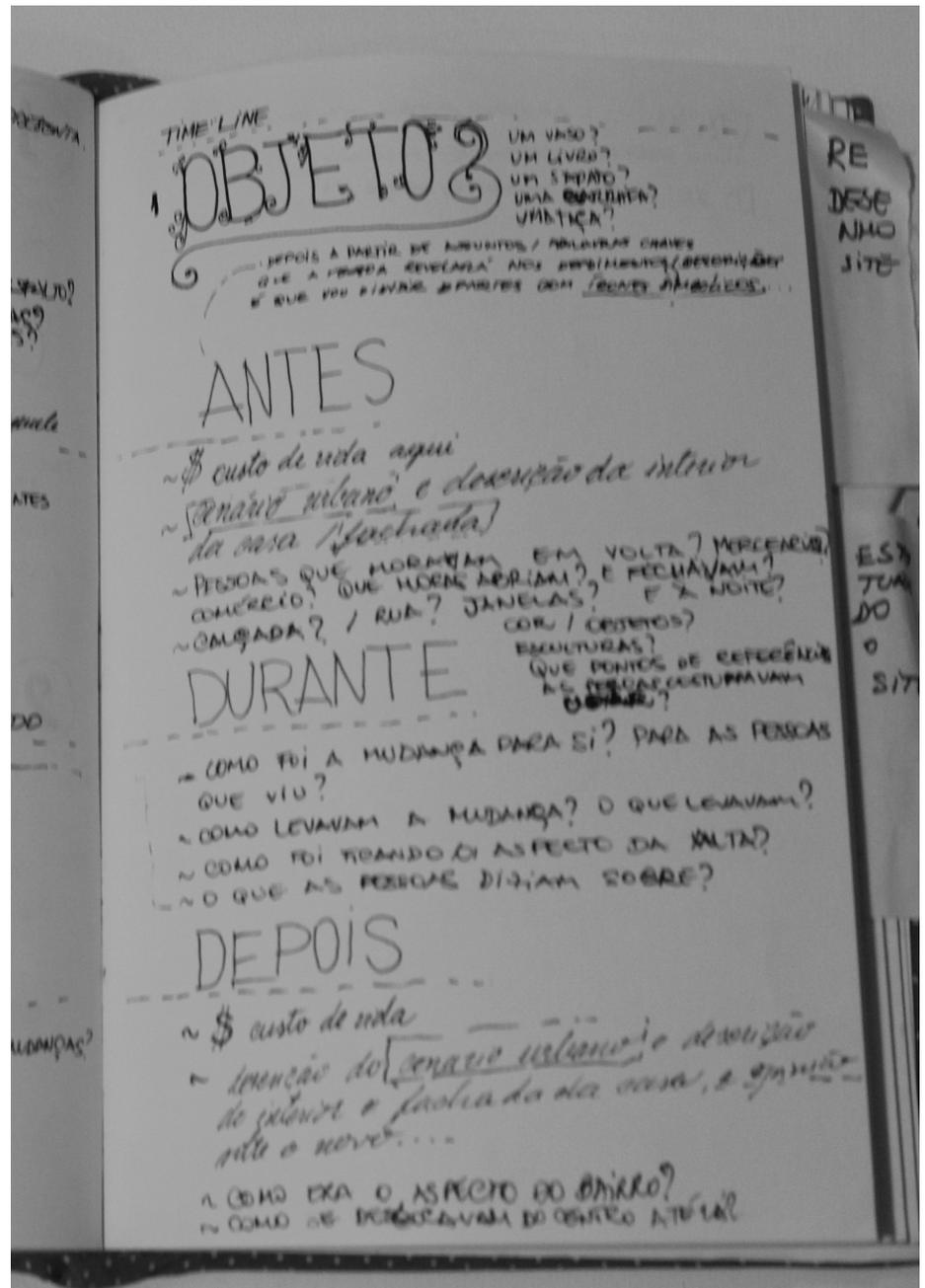


Figura 25 - Divisão dos assuntos.

parte importante do processo, a qual o espectador também precisa de experienciar.

Seguindo as muitas tentativas de estruturação da aplicação e do conteúdo surgiu uma segunda ideia que consiste na marcação no mapa do local, na área demolida, onde cada pessoa que participou do projeto morava.

A partir desta intenção confirmou-se a importância de destacar a área demolida no mapa, já que as pessoas que participaram deste projeto viveram ali e tiveram que sair porque justamente aquela parte da Alta é a que foi destruída.

Embora esta ideia de demarcar a área demolida tenha sido mantida durante todo o projeto, várias opções foram consideradas quanto à estruturação das informações. Assim, o plano seria, primeiramente, localizar as pessoas num mapa antigo dividindo os relatos sobre a Alta nesta seção e, posteriormente, proceder aos relatos sobre o bairro numa outra página, com um mapa mais recente, com os Bairros Sociais já construídos.

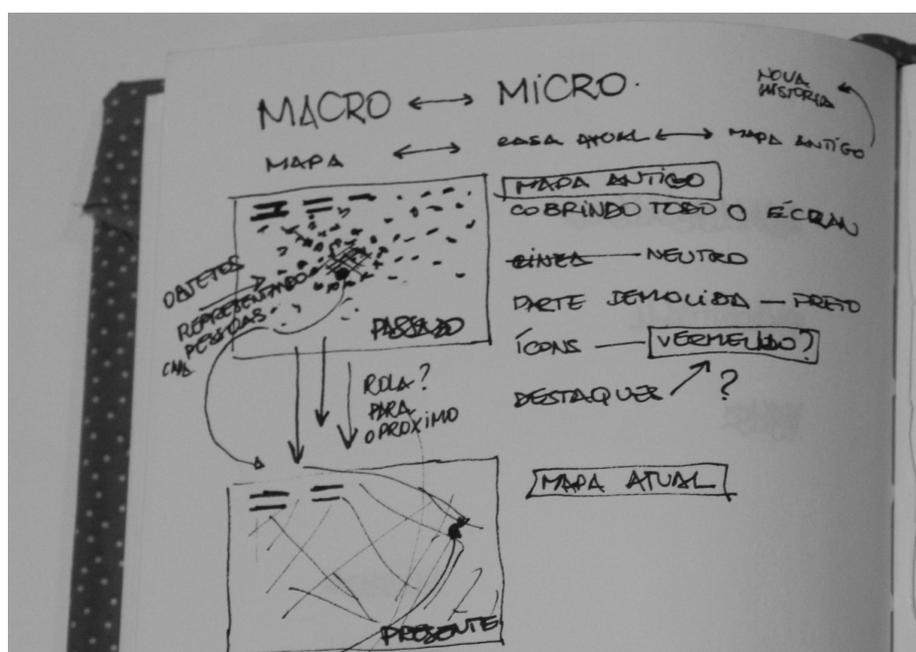


Figura 26 - Primeira ideia.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, cogitou-se estabelecer a marcação da passagem do tempo com a criação de um ícone, a partir da área demolida e preenchê-lo diferentemente, de modo que correspondesse a cada uma das partes da estrutura respectivamente "antes, durante e depois" das demolições, de acordo com a divisão preliminar dos relatos.

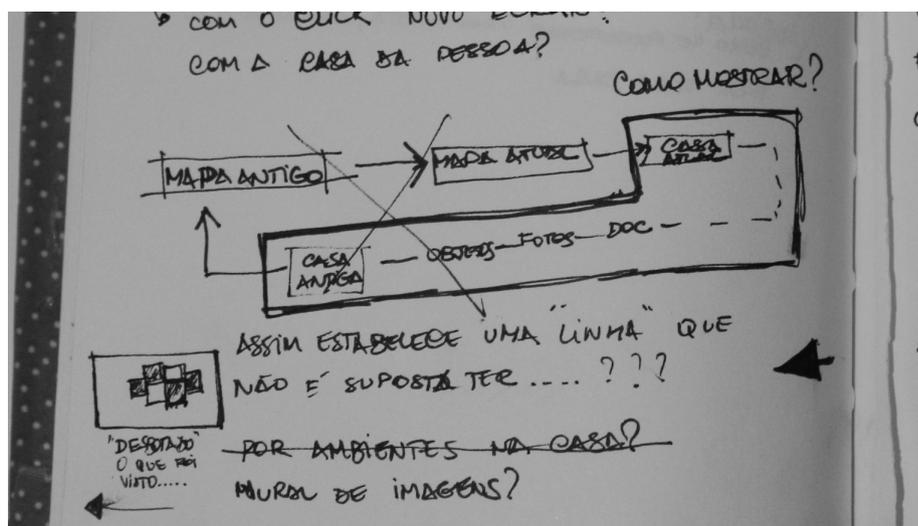


Figura 27 - Esquema de navegação da primeira ideia.

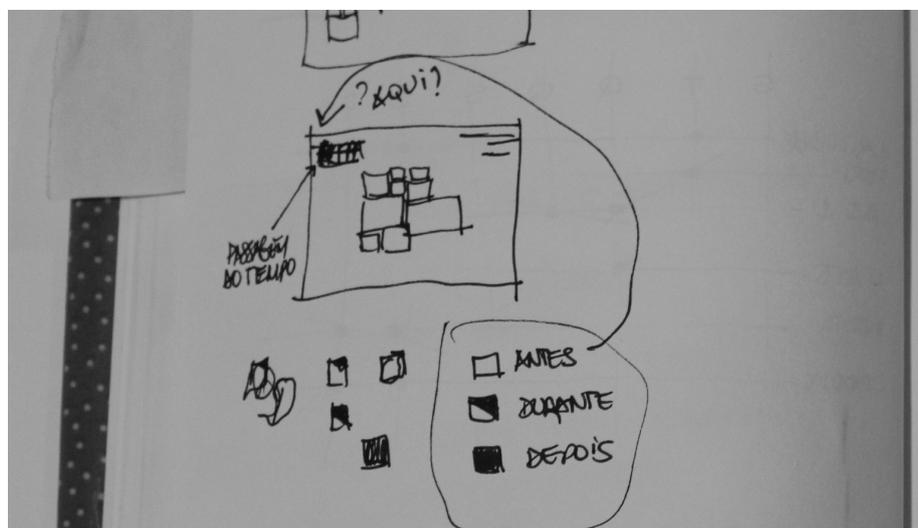


Figura 28 - Marcação de passagem do tempo.

Contudo, ainda que o início da navegação fosse realizada a partir de um ponto que simbolizasse cada participante, para nos levar, na sequência, a outras páginas que reunissem todas as memórias que nos foram fornecidas (relatos, fotografias antigas, objetos, jornais, etc), voltávamos a deparar com o mesmo problema de apenas ter expostos os arquivos sem estabelecer uma articulação com o mapa.

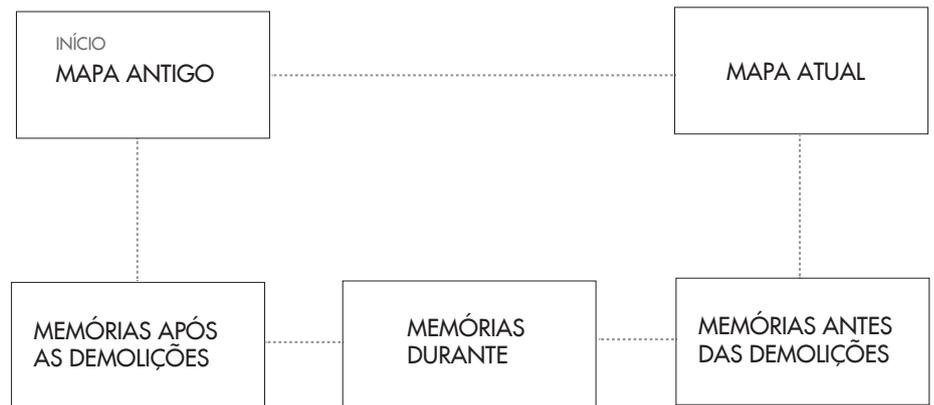


Figura 29 - Esquema de estruturação do conteúdo.

Diante dessas questões foi necessário voltar a repensar a ideia inicial, já com as entrevistas em curso. Este foi um ponto crítico no projeto, pois diante de tantas informações e etapas do projeto que se encontravam a ser desenvolvidas, simultaneamente, o processo estrutural do projeto parecia ter estagnado, sem apontar nenhum desfecho que ultrapassasse estas limitações na estruturação do conteúdo.

Numa fase intermediária de desenvolvimento do projeto, outra estruturação diferente foi explorada e, a partir deste ponto, ficou decidido o uso de apenas um mapa, o antigo, pois os dois mapas poderiam causar confusão durante a navegação. Além de se ter simplificado a questão dos mapas, decidiu-se também por atribuir um "pin" neste mapa para cada participante.

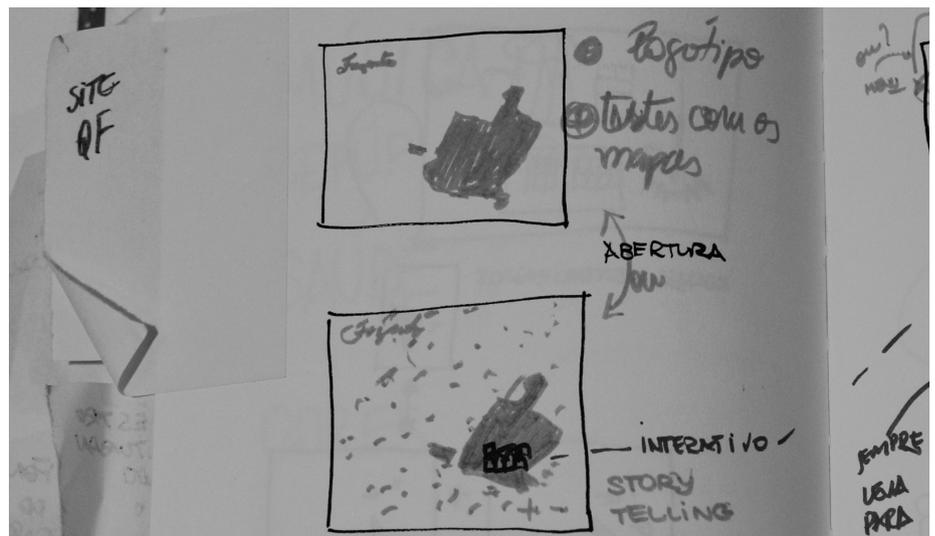


Figura 30 - Ideia intermediária - a página inicial.

Na imagem anterior, tem-se um desenho esquemático para visualizar uma página inicial, com uma breve introdução sobre o projeto, tal como feita nos projetos do Highrise e 2faces.

Ainda sobre esta mesma estruturação, na imagem a seguinte, já aparecem a área demarcada e os "pins" representando cada participante.

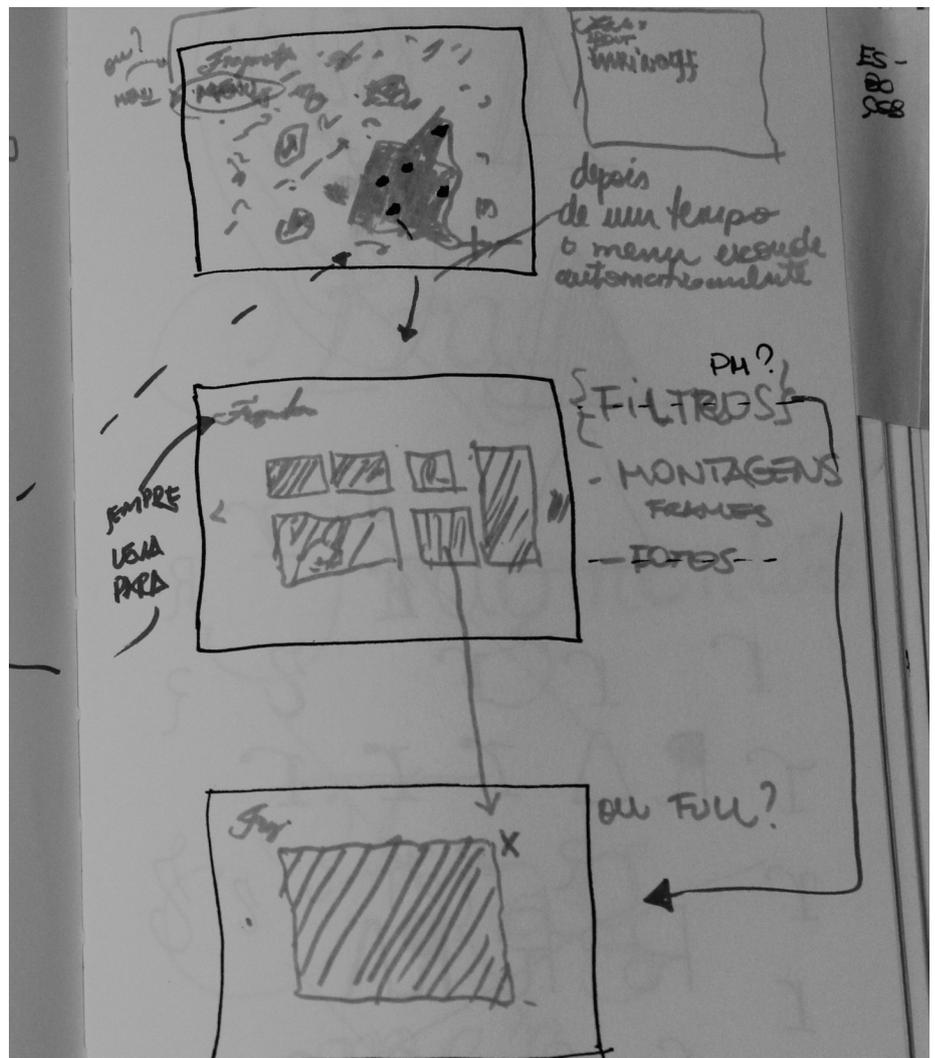


Figura 31 - A home page e esquema das páginas com as memórias.

Este esquema foi considerado para ser implementado porque, até este ponto, a navegação tinha evoluído no sentido de simplificar a organização conteúdo. Contudo, apesar disso, ainda não correspondia a ideia inicial e determinante do conteúdo ligado ao mapa antigo.

Nas imagens seguintes constam explorações feitas acerca desta solução.



Figura 32 - Fase intermediária - a página inicial.

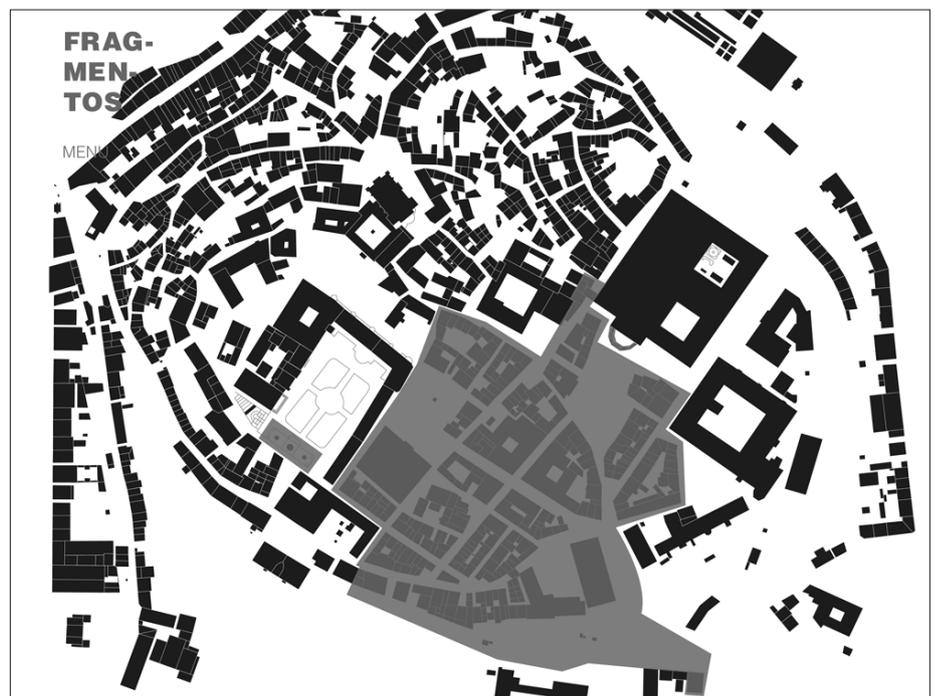


Figura 33 - Fase intermediária - a home page.



Figura 34 - Fase intermediária - página única reunindo as memórias.



Figura 35 - Fase intermediária - detalhe de visualização dos vídeos.

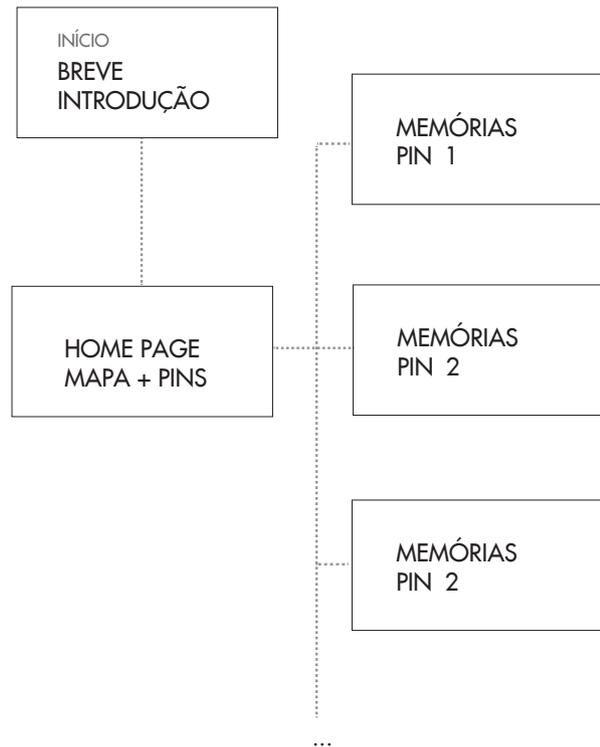


Figura 36 - Fase intermediária - esquema de navegação.

Essa etapa serviu de base para novas decisões que envolviam desde a continuação do uso dos pins para cada participante como da sequência intencionada para o esquema de navegação nas páginas. Desse modo, assim como visto no exemplo anterior, no qual a navegação pretendia-se ser simplificada pela concentração da distribuição pela página principal para as outras páginas secundárias, concluímos que deveríamos proceder assim no processo de confecção do site.

Um novo esquema surgiu após estas conclusões, tendo sido efetuadas melhorias quanto à navegação, sugerindo, a partir daí, uma interação que resultasse na possibilidade do próprio percurso acompanhar e auto-explicar o conceito no decorrer do processo.

Neste esquema é apresentada a implantação de um site de "página única", que será explicado mais à frente. Esta opção já tinha sido cogitada desde as primeiras ideias e é possível visualizá-la no primeiro esquema de navegação mostrado anteriormente. Portanto, todos os conteúdos do site são acessíveis a partir da página principal e a ela se regressa. O menu,

em posição horizontal, encontra-se sempre disponível e, através deste, é possível regressar à home page ou acessar outros pins.

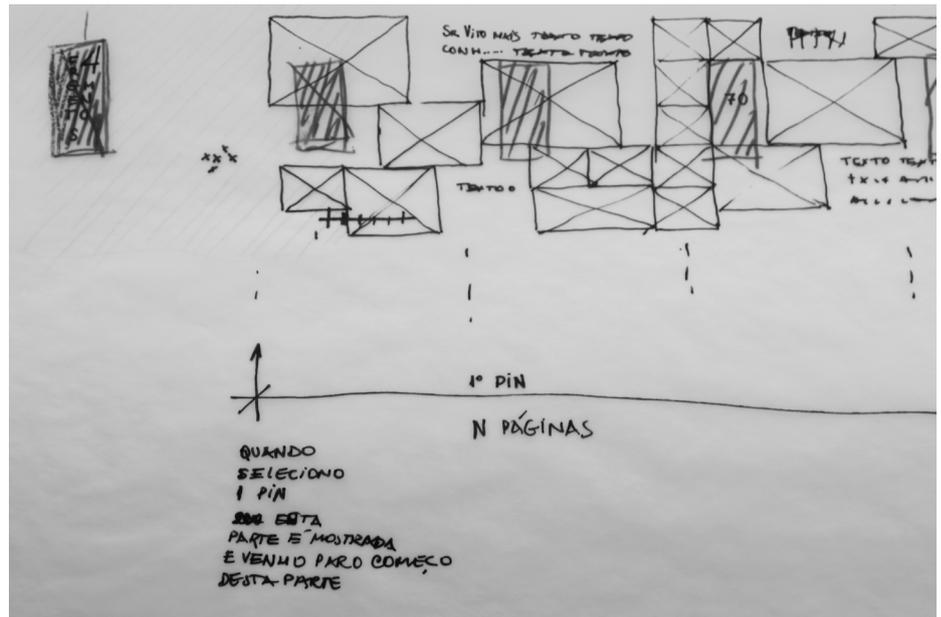


Figura 37 - Novo esquema de navegação.

Na imagem acima há inclusive uma nova proposta de organização dos pins em um outro esquema de grelha. Na imagem abaixo nota-se "encaixados" junto aos conteúdos dos pins, ali também, os espaços reservados à informação geral do projeto, mostram-se num ciclo "página principal - sobre o projeto".

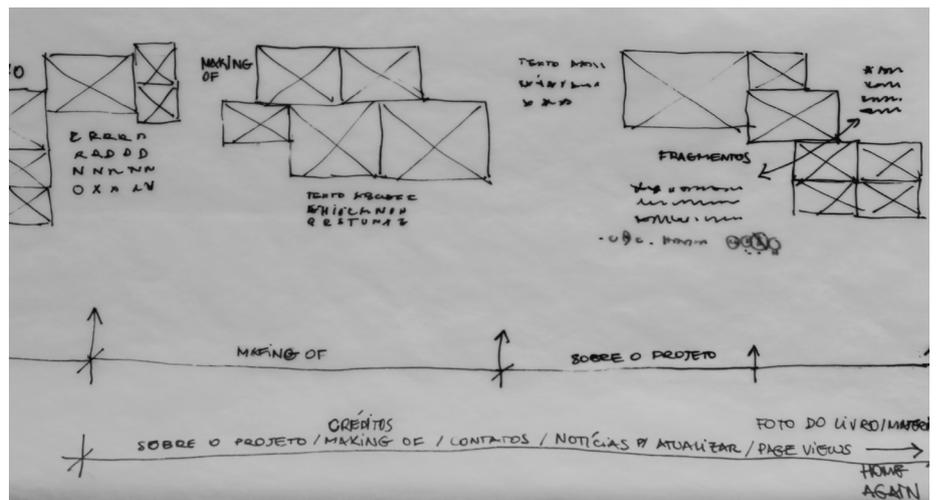


Figura 38 - A parte "sobre o projeto" encaixada no esquema de página única.

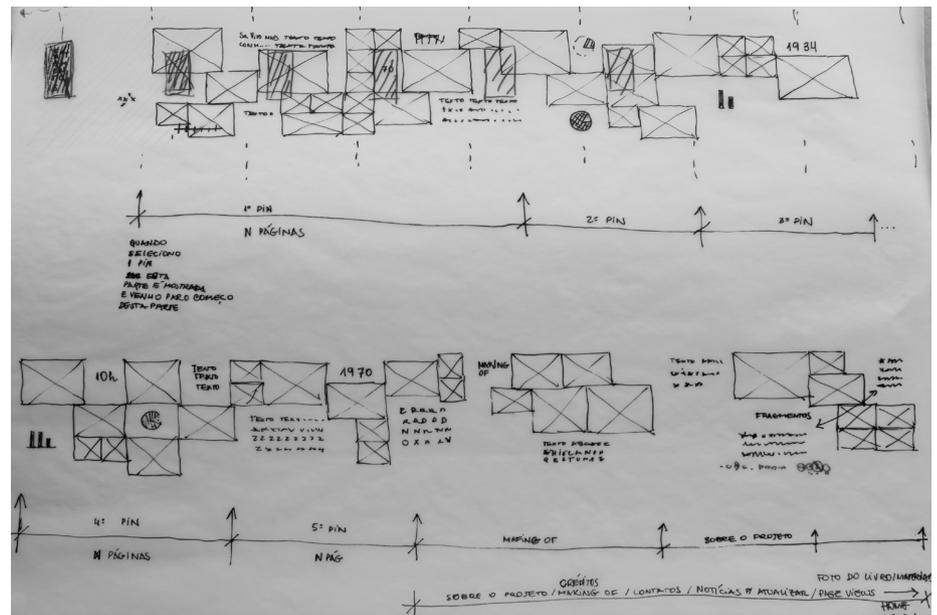


Figura 39 - Todo o esquema e distribuição dos pins.

PROPOSTA

Depois dessas experimentações, convém apresentar a proposta que se articulou a partir da mudança gerada na estrutura geral organizada como "antes das demolições, durante, saída da Alta e a chegada no bairro" para assim, finalmente, dividi-las pelos espaços que as pessoas descreveram durante as entrevistas. Dessa maneira, resolveu-se o problema inicial de articulação do conteúdo com o mapa e, conseqüentemente, alterou-se a estrutura de navegação.

Desse modo, cada marcação no mapa seria a de um participante, aleatoriamente, que tivesse contado sobre algo relacionado àquele lugar onde foi feito o pin. Através dessa alteração foi possível articular todas as memórias no mapa, passando-neste a ser o menu de navegação dos pins.

Este mapa como menu contribui para que o espectador atribua as histórias, as fotografias, os relatos, as memórias ao lugar específico do mapa, sendo que, a intenção principal é levá-lo a imaginar a partir dessas memórias aquele espaço. Nessa dimensão, a Velha alta pode ser "reconstruída", a partir da ótica e das descrições dos próprios salatinas, e por serem recordações deles, um pouco deles fará parte desse espaço "reconstruído".

As imagens seguintes constituem a prototipagem da proposta do website para a reunião das memórias dos salatinas.

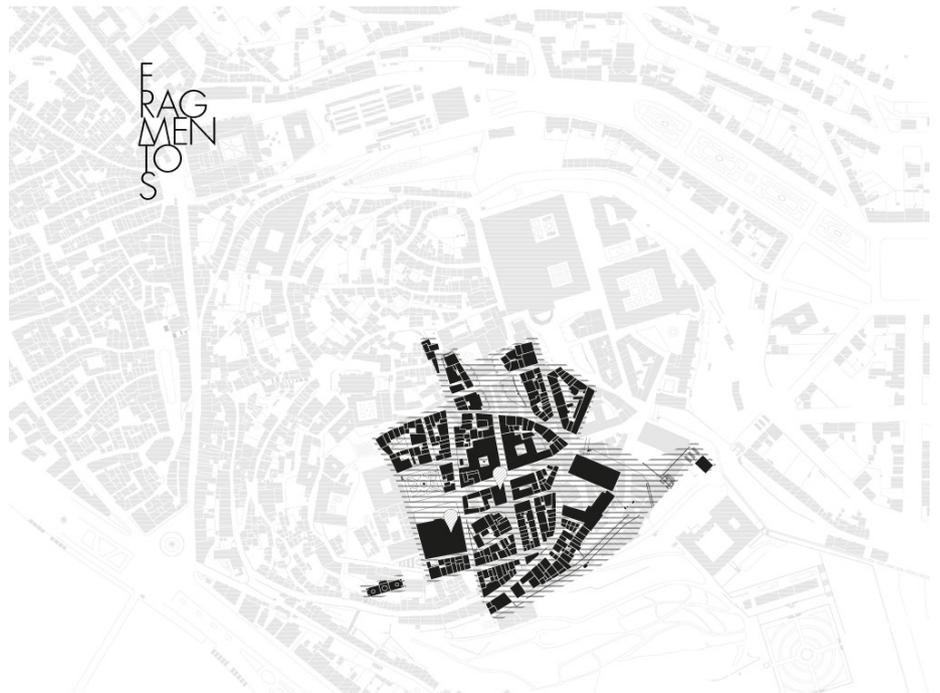


Figura 40 - Página inicial.

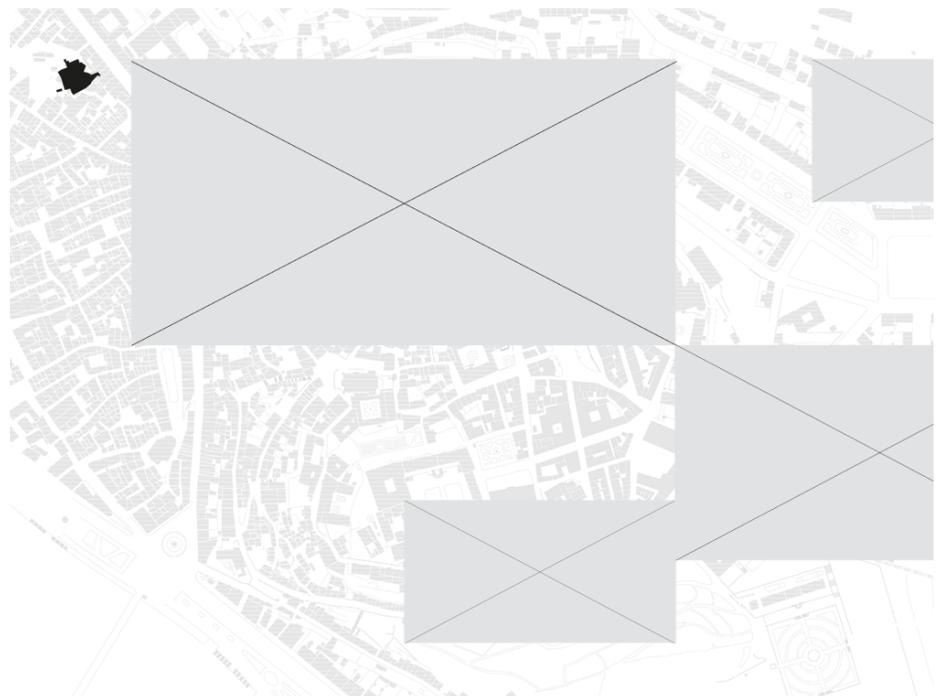


Figura 41 - Área do primeiro pin.

Na imagem anterior foi pensado que um ícone pudesse comportar o menu e o mapa, ou seja, ao premir o rato neste pequeno desenho no canto esquerdo superior da página aparecerá os links referentes à área "sobre o projeto" e a página principal, além do mapa da área demolida com todos os pins para serem escolhidos, como mostra a imagem a seguinte.

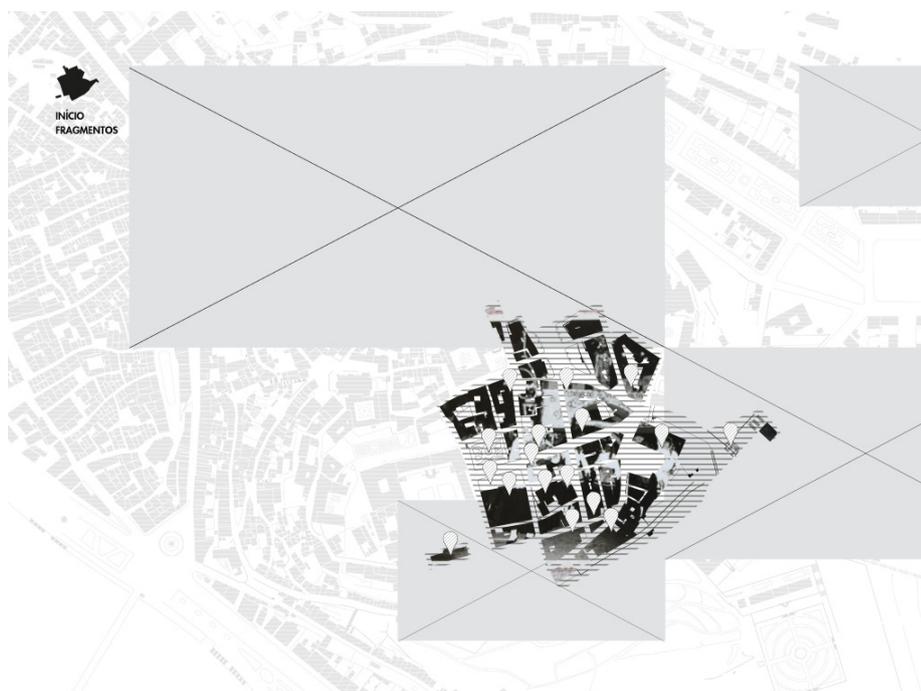


Figura 42 - Menus.

As caixas cinzentas são os espaços reservados aos registos feitos onde foi pensada em uma sequência que ao todo ocupará cinco páginas. No entanto, pensou-se também que essa sequência possa se repetir a medida que o conteúdo vai aumentando, ou seja, as caixas finais podem ser compostas consecutivamente novamente com as iniciais produzindo novas sequências.

Embora as imagens acima mostrem apenas a "área útil" do site, nos ecrãs maiores é possível ver mais partes do mapa que acompanha a navegação ao fundo. Na imagem seguinte, é exposto o esquema da grelha onde também é mostrada a parte do mapa que pode ser vista além da área útil.



Figura 43 - Mapa de fundo e a grelha horizontal.



Figura 44 - Mapa de fundo e a grelha vertical.

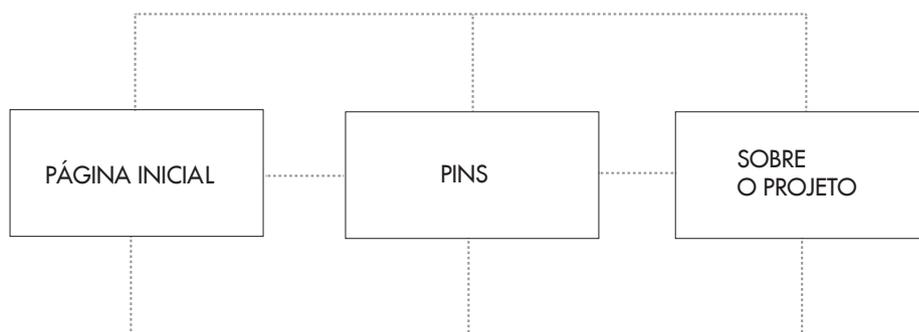


Figura 45 - Mapa do website.

A página única surgiu como opção de simplificação que respondeu às questões sobre como deixar sempre os registos (conteúdos dos pins) dependentes do mapa. Sabemos que essa opção mais simplificada tem suas vantagens, contudo, em contrapartida, tem também as suas desvantagens. O inconveniente seria o de ter que tratar de muita informação numa única página, isto é, ter um conteúdo muito extenso para uma página contínua, poderia tornar confusa a navegação. Porém o que transforma este aspeto negativo em positivo é a necessidade de vinculação e articulação imediata com o mapa do espaço demolido.

Ao longo da página, o conteúdo dos pins foram dispostos nas caixas cinzentas (visualizar nas imagens anteriores) havendo a opção de manter apenas um fundo todo em branco e estático. Entretanto, com a ideia de menu feito com o mapa da área demolida, surgiu a hipótese de compor estes elementos em camadas: mapa maior que abrange os arredores da Alta, as caixas com os conteúdos e os menus. Essas sobreposições apontaram para o uso de um efeito que dá a impressão de profundidade e traz mais dinâmica para a composição, conhecido como *parallax*.

Apesar das sobreposições e deste efeito que traz uma certa dinâmica que pode confundir os usuários menos experientes, espera-se que a tarefa de consultar o mapa e escolher o pin, uma associação a sistema do "mundo real" possa apresentar-se mais intuitiva e cognitiva.

TECNOLOGIAS

8. Um "font-end template" muito popular e usado também por Google, Nasa, Nike, Microsoft, Mercedes-Benz, etc. (<http://html5boilerplate.com/>).

9. Um plug-in, adicionado ao código durante a implementação, usado para adaptar os navegadores Internet Explorer às funcionalidades mais novas. (<https://developers.google.com/chrome/chrome-frame/?hl=pt-PT>).

Pensando em reunir tecnologias que respondam a estes requisitos que acompanham o desenvolvimento do conteúdo, a construção do *website* foi realizada a partir de HTML5 e CSS3, além de ter recorrido ainda a padrões como *Boilerplate*⁸ e retrocompatibilidade somados a outros navegadores mais antigos através da biblioteca *modernizr.js* e *google chrome frame*⁹.

O HTML5, que é uma estrutura de páginas/conteúdos *online*, ainda constitui uma versão recente e, por isso, nem todos os navegadores suportam suas novas funcionalidades. No entanto, apesar dessas limitações, pode ser considerada como uma ferramenta de grande ajuda para se desenvolver *websites*, pois dispensam instalações de *plug-ins* externos e traz algumas novidades tais como os elementos "<*video*>" e "<*audio*>" que escusa o uso de JavaScript, que era necessário das versões anteriores de HTML.

Anteriormente, construções como esta seriam mais práticas se fossem desenvolvidas em *flash*, mas que ainda exige instalação de *plug-ins* e funciona melhor dependendo, também, do processador da máquina do usuário. Diante dessas limitações do *flash*, o HTML5 apresenta maior desempenho em velocidades de conexão mais lentas e possibilita um tempo menor de "resposta" da aplicação (aberturas de páginas e *links*) e requer, também, menor desempenho do processador.

AVALIAÇÃO HEURÍSTICA

10. 10 Usability Heuristics for User Interface Design (<http://www.nngroup.com/articles/ten-usability-heuristics/>).

Embora as decisões durante o desenvolvimento do site tenham procurado, em primeiro lugar, atender aos objetivos do conceito geral, foi seguida uma orientação feita por Nielsen¹⁰ conhecida por "avaliação heurística". Entre os 10 tópicos, destaca-se alguns que este projeto pode satisfazer:

1. Match between system and the real world (enquanto o usuário depende do mapa para acessar os pins e isso é uma atividade muito comum e intuitiva).

2. User control and freedom (o usuário pode navegar livremente, e com apenas no máximo dois clicks chegar a uma outra área do site).
3. Recognition rather than recall (espera-se que seja facilmente perceptível as todos os usuários os ícones dos menus).
4. Flexibility and efficiency of use (o projeto desde o princípio foi pensado para ser o mais intuitivo possível para os usuários experientes e os inexperientes).
5. Aesthetic and minimalist design (a página única e menus minimalistas para causarem menos distrações durante a navegação)

Sobre a implementação, neste momento a intenção é que seja ainda mais amadurecido o desenvolvimento do projeto e que haja uma continuação. Ainda pretende-se que o máximo de moradores da Velha Alta possam participar e até alcançar um número satisfatório. Neste meio tempo fazer as melhorias na exposição *online* dos registos, inclusive com a ajuda deles quanto à avaliação da usabilidade.

A implementação desse projeto poderia ainda favorecer a uma continuação das entrevistas, pois os participantes em alguns momentos ficavam desconfiados quanto ao que realmente seria feito com os seus relatos. Assim, com a culminação desse estágio mais avançado e conclusivo do projeto eles poderão, além de visualizar, também dar sugestões.

IDENTIDADE

Algumas experimentações foram feitas ao longo do desenvolvimento do projeto com a intenção de imprimir desde o título o conceito central. Com esta motivação, de recolher e reagrupar “fragmentos”, realizaram-se testes com partes do mapa, caligrafia e até juntando partes de objetos conservados pelos Salatinas (monumento a Camões, estátua do centro do Bairro de Celas e Portão do Hospital da Universidade) e outros que foram mencionados pelos participantes durante as entrevistas.

Os testes iniciais começaram com visualizações geométricas, representando pedaços reunidos de um objeto que foi quebrado. A

identidade, então, deveria ter um aspecto de prisma irregular, como mostra o esboço abaixo.

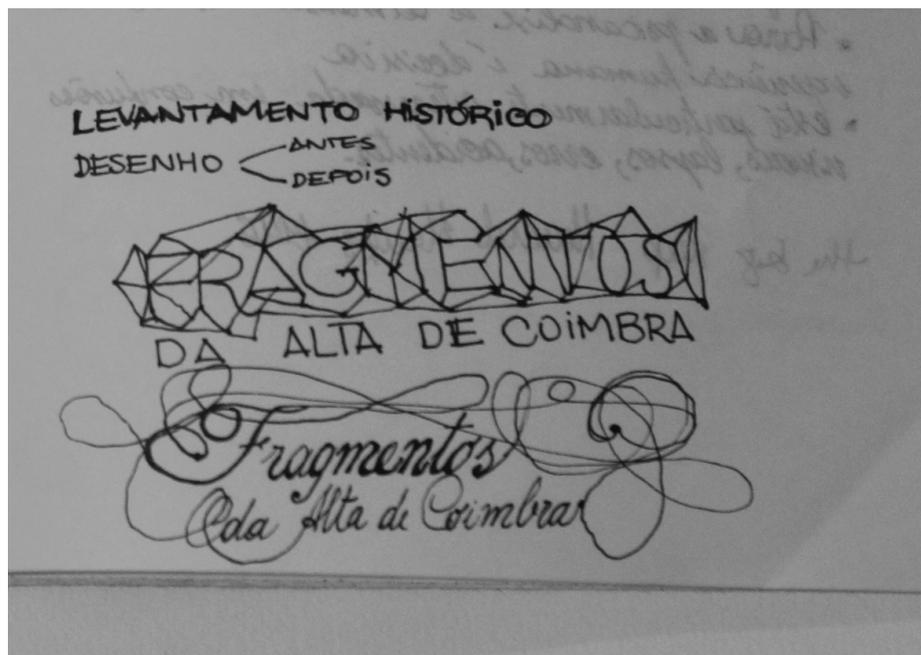


Figura 46 - Primeira ideia para a identidade.

Depois dessa primeira ideia, outras experimentações caligráficas foram consideradas, pois poderiam remeter ao estilo dos documentos da época e fazer contraste com o estilo geométrico do mapa.

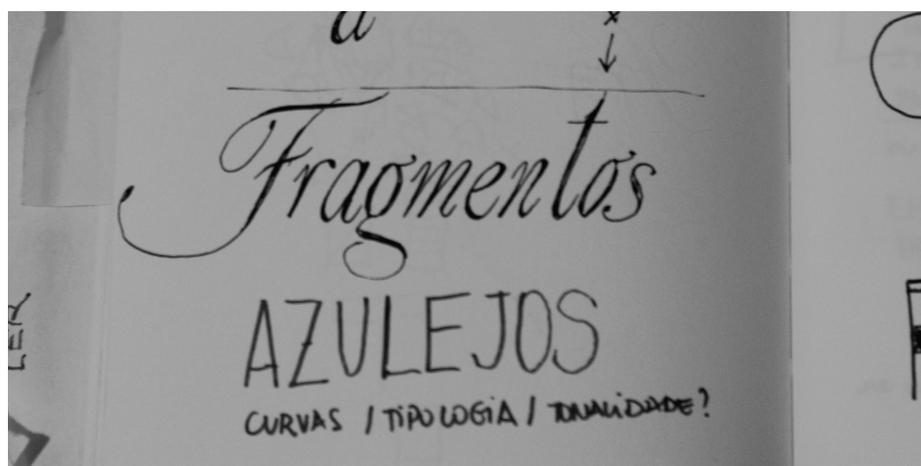


Figura 47 - Esboços da identidade.

Numa fase inicial, o projeto tinha uma paleta de cores composta por preto, branco e vermelho. A composição dos elementos com estas cores atribuía certa hierarquia ao conjunto, no qual o vermelho era o primeiro plano, usado para destacar o título, links, área demolida (delimitação do tema) e o branco em último plano.



Figura 48 - Vetorizando esboços.



Figura 49 - Visualizando o contraste com o mapa.

Voltando à ideia de compor uma identidade geométrica, foram feitas algumas experiências com elementos do mapa:

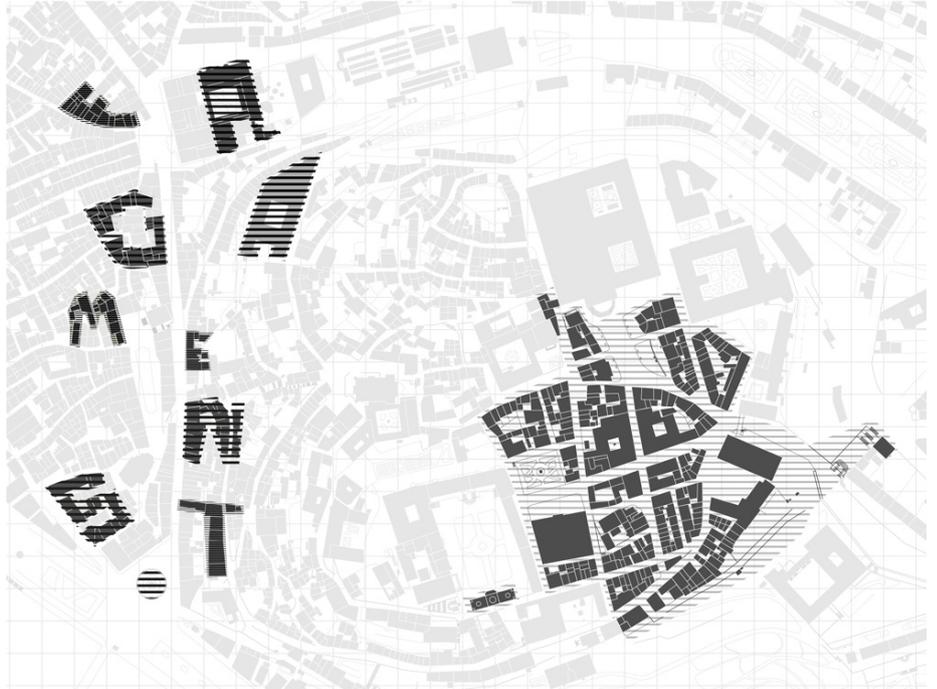


Figura 50 - Identidade a partir de elementos do mapa.

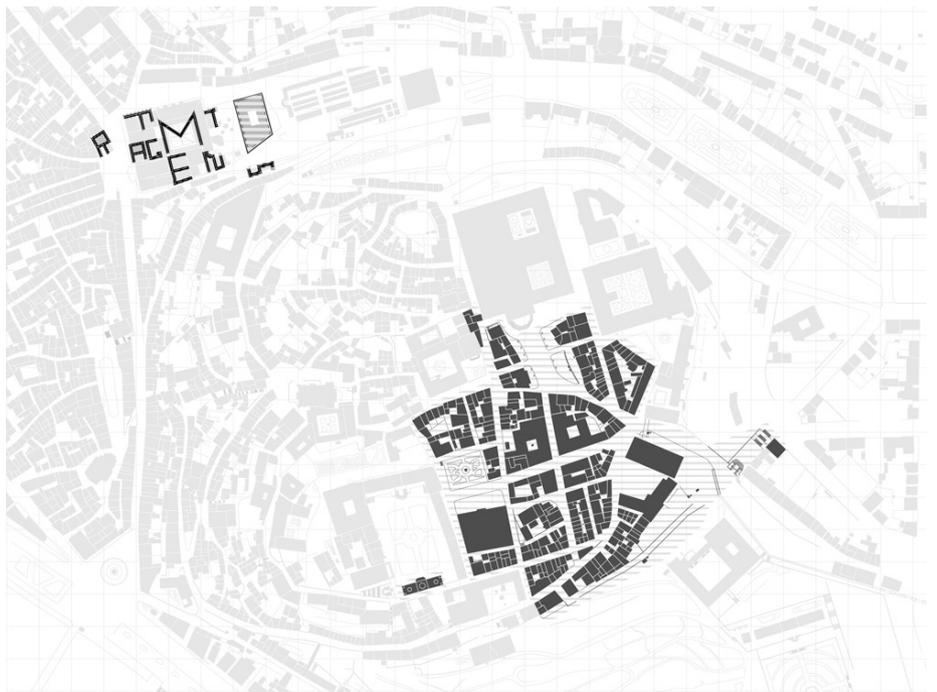


Figura 51 - Identidade a partir de elementos do mapa.

Nesta etapa do desenvolvimento do projeto, adotou-se as cores preto, cinzento e branco, compondo uma hierarquia nesta mesma ordem, em que o preto destacaria os elementos e o branco como plano de fundo.

Uma outra experimentação deu-se com a composição de partes de objetos conservados durante as demolições, os quais foram mencionados pelos salatinas participantes das entrevistas. Os elementos, a seguir, constituem partes vetorizadas a partir de fotografias.

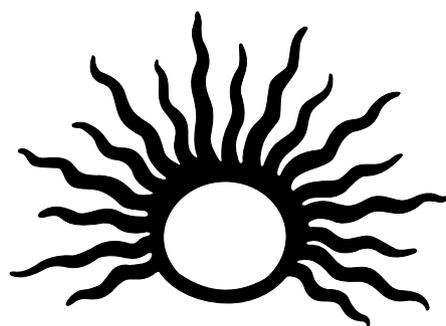


Figura 52 - A coroa do São João (estátua no centro do Bairro de Celas).

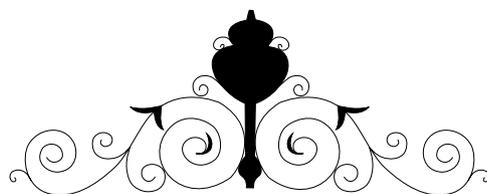


Figura 53 - Uma parte do portão do antigo Hospital dos Lázaros.

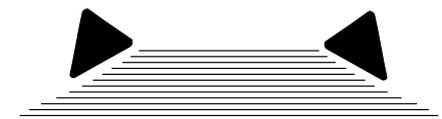


Figura 54 - Antiga escada monumental.

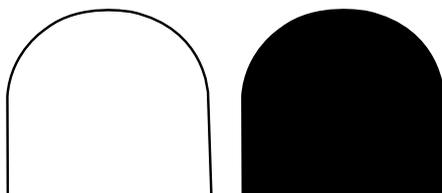


Figura 55 - Arco do castelo.

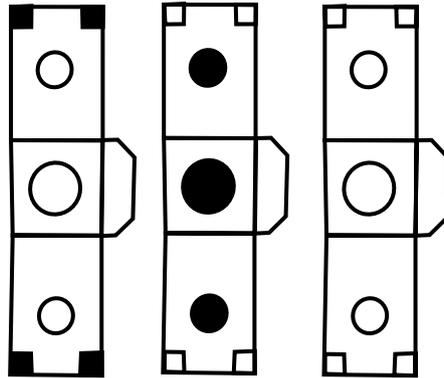


Figura 56 - Observatório astronômico.

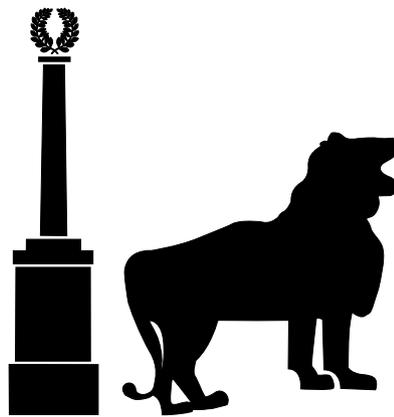


Figura 57 - Monumento a Camões.

Depois de vetorizados estes elementos, foram compostas algumas sugestões para a identidade através deles. abaixo seguem alguns exemplos.

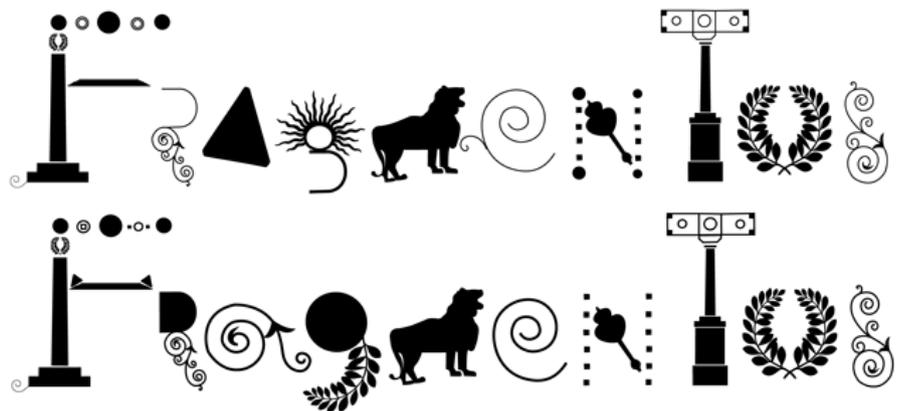


Figura 58 - Experimentações com partes dos monumentos.

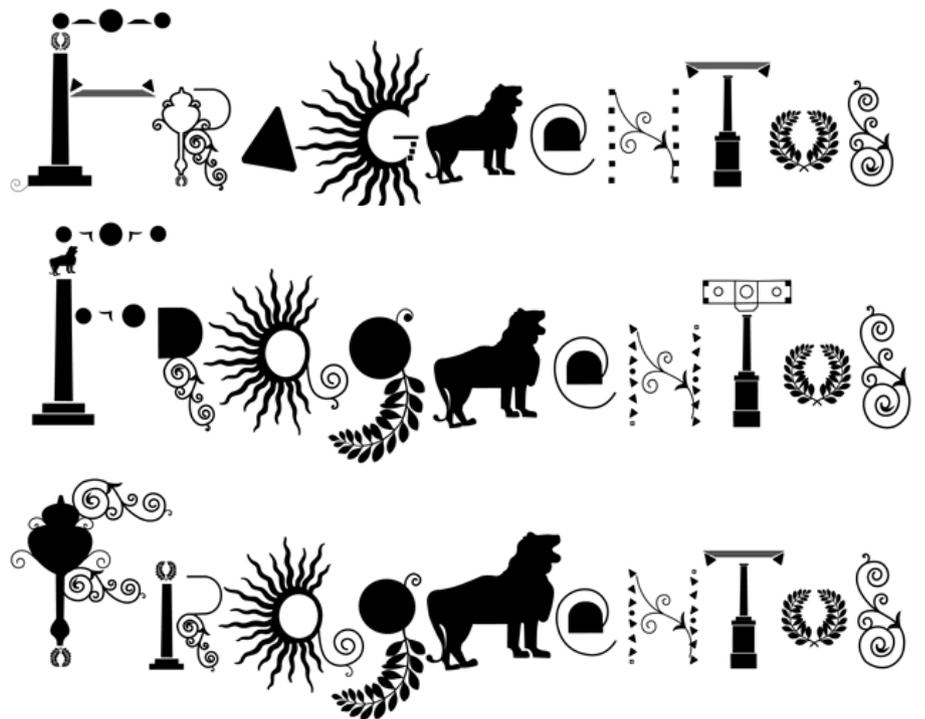


Figura 59 - Experimentações com partes dos monumentos.

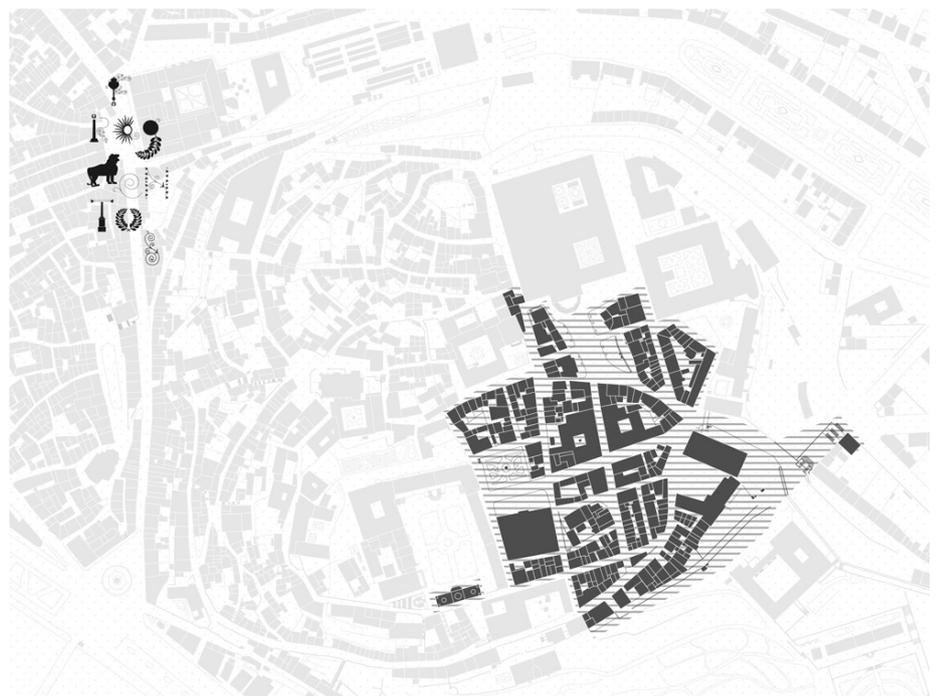


Figura 60 - Visualização da identidade na página principal.

Apesar de todas essas experiências, optou-se por deixar a identidade como um elemento "neutro" e o mapa da área demolida como principal. Neste sentido, foi decidido compor o título do projeto, na página principal, com uma fonte geométrica e que fosse leve, permeável e minimalista. Para atender a estes requisitos foi escolhida a fonte Futura.

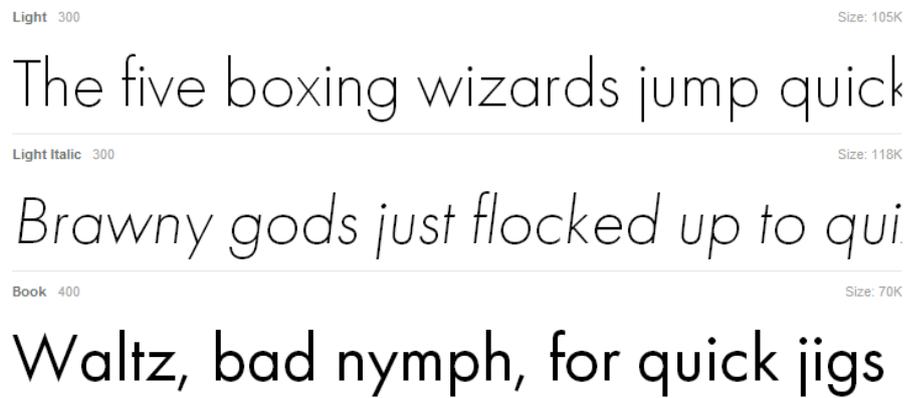


Figura 61 - Exemplos da fonte Futura.

Portanto, a proposta para a identidade do projeto será o título "quebrado" pelas letras e sílabas de maneira aleatória, desconstruindo a palavra "fragmentos".

FR-
AG-
MEN-
TO-
S

Figura 62 - Proposta de apresentação do projeto.

Apesar deste jogo com as sílabas e todas as tentativas de se compor um título, o ícone que melhor representa o projeto é a delimitação da área demolida e que também assume-se como menu principal de navegação do site. Ainda que isso fique implícito, ou fragmentado, a ideia que se pretende salientar é que esta é toda a área que foi demolida, a "Velha Alta".

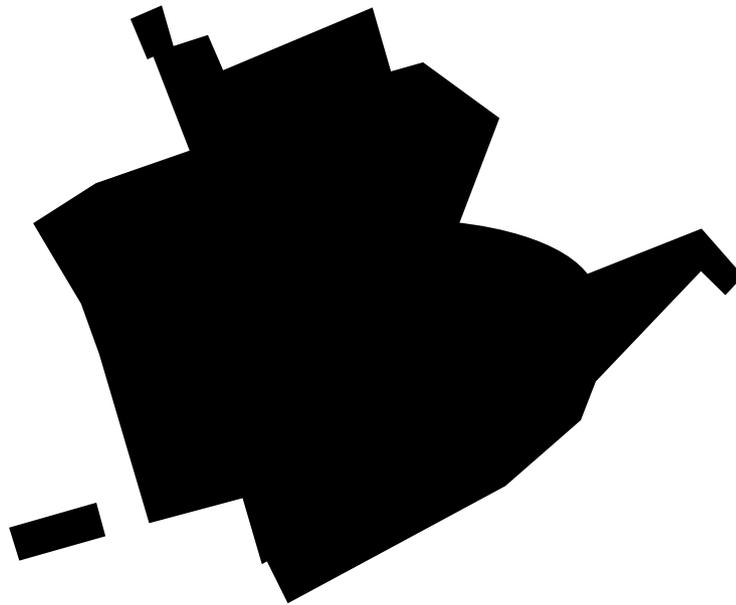


Figura 63 - Delimitação da área demolida da Velha Alta.

CONCLUSÃO

Durante o regime autoritário de Salazar, a Alta de Coimbra mais parecia com o cenário das cidades que foram destruídas pela guerra. Os portugueses muito têm que discutir sobre essas transformações e os impactos decorridos delas ao longo do tempo.

É importante fazer isso com uma análise profícua e pormenorizada de estudiosos, contudo é também essencial ouvir a versão das pessoas que tiveram suas vidas atingidas pelas violentas intervenções.

Pessoalmente, o presente trabalho encanta-me pela possibilidade de ir além dos vestígios do traçado urbanístico e chegar aos protagonistas, que são as pessoas que vivenciaram a desilusão e o impacto da demolição da Velha Alta. Estas pessoas, os salatinas, sofreram sob essas violentas intervenções e, por isso, considero oportuno comentar salientando alguns aspectos dos depoimentos dos cinco salatinas que participaram deste projeto.

Começo por um dos pontos que muito me surpreendeu e deixou-me bastante comovida quando quase todos eles começaram a descrever as casas nos bairros elogiaram as condições delas; mas, ao evoluir as descrições, diziam que tiveram que preparar colchões todos os dias para que os filhos dormissem na sala ou criar alguma estratégia para que toda a família tivesse lugar para dormir.

Alguns, em seus relatos, ao descreverem as repartições da casa, diziam que a cozinha era muito boa e continuavam dizendo que a bancada era muito pequenina e era difícil cozinhar ali. Geralmente ampliavam as cozinhas e modificavam a casa, mas tive a oportunidade de conhecer uma casa que a cozinha era praticamente original e, para se ter uma ideia, pelo que me recordo, a cozinha não deveria ter mais que dois metros de largura por outros dois de profundidade.

Enquanto ouvia sobre as nostálgicas brincadeiras em frente à antiga Faculdade de Letras envolvendo o monumento a Camões e o apego aos

elementos que restaram da área demolida, tive a impressão de que esses objetos "espalhados" pela cidade, que saíram da Alta, foram mencionados como por quem comenta sobre algum objeto pessoal, de sua própria casa.

A narração dos antigos monumentos traduziam o mesmo cuidado e o empenho que parece ter havido para se preservar e juntar os pedaços da estátua que hoje ocupa o centro do Bairro de Celas, além de levá-la com eles para onde foram. O Sr. Vito, rememora este acontecimento, explicando como conseguiram preservar aquela estátua e a criatividade para marcar cada pedaço que foi quebrado para que pudessem juntá-los depois.

As casas nos bairros, verdadeiramente, eram bastante razoáveis, ou melhor, muito simples ou "económicas". Em contraste, os edifícios construídos, à custa de demolições e profundas mudanças no modo de vida da comunidade da Alta, eram, por sua vez, monumentais.

Acerca do projeto de modificação da alta, há um discurso¹¹ de Salazar, referido em 1937, que considero importante compartilhar nesta oportunidade:

"A Alta é já de si, por obra dos nossos antepassados, uma grandiosa cidade universitária, só bastando para dar-lhe realce e valor, libertá-la de incrustados, malfazejos e indignos, das construções fundamentais e completá-la com instalações apropriadas às exigências dos nossos estudos. Isolar a colina sagrada, só activa para o estudo na doce e calma atmosfera coimbrã; integrar no conjunto o edifício do Governo Civil, os Grilos, possivelmente S. Bento; fazer sobressair as imponentes massas de construções, hoje afogadas, que são o edifício central da Universidade, a Biblioteca, a Farmácia, a Faculdade de Letras, os hospitais, a Associação Académica, a Sé Nova, o Museu; e — Deus me Perdoe! — além de muitas outras coisas feias, deitar abaixo aquela excrescência do Observatório Astronómico para deixar intacto aos olhos encantados o panorama maravilhoso do Mondego, das Lágrimas, da Quinta das Canas, do Seminário, das encostas de tristes oliveiras, com a serra no horizonte longínquo — é obra sem dúvida cara, mas realizável e útil e que só por si dará a Coimbra um lugar excepcional entre todas as universidades do mundo".

Alguns salatinas afirmaram que Salazar parece se ter arrependido e até tal hipótese foi oficialmente considerada num artigo intitulado "Salazar foi

11. Relembrado por José Manuel Azevedo e Silva em "Os Salatinas da Alta, fundadores forçados do Bairro de Celas" (Alta de Coimbra. História – Arte – Tradição. 1º Encontro sobre a Alta de Coimbra. Coimbra, 1988, p. 142.

contra?", mas a partir desse discurso e dos relatos da violência cometida com os Salatinas, considero pouco provável que esse arrependimento tenha de fato lhe ocorrido.

Naquele tempo, naquele contexto político, o povo português vivia sob muita opressão e não puderam contestar e, quando tentaram, foram simplesmente ignorados. Mas esta parte da história de Coimbra e de Portugal deveria ser lembrada constantemente para que volte a ocorrer da mesma forma.

DIFICULDADES

Considero que, pelo caráter do projeto e pelas etapas que tiveram que ser desenvolvidas simultaneamente, foi difícil e desafiador realizar a produção e desenvolvimento deste projeto diante da necessidade de gerir e sincronizar as tarefas diversas.

Salvo o apoio de muitos ao longo do processo, muitos foram os desdobramentos para elaborar “Fragmentos”, já que as ações eram quase sempre sobrepostas umas as outras. Por exemplo, enquanto que para elaborar e desenvolver a ideia do website eram necessários concentração e dedicação (rotina) para chegar mais rapidamente às visualizações e delas tirar conclusões, as entrevistas exigiram muitas horas de buscas, contatos, visitas, ou seja, muitas horas longe do computador. Para além disso, como necessitava muito das informações das pessoas contactadas, fica claro que os horários para encontros e entrevistas dependiam muito também da disponibilidade dos participantes.

Alguns "pormenores" contribuíram para adiar o início da gravação das entrevistas, entre eles a compra de uma câmara apropriada e, depois, em posse da câmara, a necessidade de empréstimos de microfones para gravação adequada do áudio.

Outro ponto que fez com que as entrevistas esperassem um pouco mais para começar foi a necessidade de consultar livros sobre documentários que não foram encontrados nas bibliotecas da Universidade e, portanto, tive que comprá-los através de uma loja *online* e esperar vários dias para serem entregues.

Pelo caráter do site, da estruturação do conteúdo, em que se fez uma tentativa de vincular o conceito à navegação, o resultado do design não foi similar aos casos mais populares, contudo, exigiu respostas aos requisitos deste projeto em particular.

As singularidades e demasiadas personalizações que atribuem mais dificuldades à programação, afastando-se de um padrão que seria mais facilmente implementado pela quantidade de tutoriais e exemplos de códigos prontos para serem usados como "base" para o desenvolvimento.

Devido a estas questões optei por recorrer à ajuda para a implementação do código do website e acompanhei todo o processo. Esse apoio com a programação, na verdade, foi muito positivo para o projeto pois durante a implementação acrescentou-se mais funcionalidades que antes, na prototipagem, eram mais básicas.

PERSPECTIVAS FUTURAS

Espera-se que um número maior de Salatinas possa participar no projeto no futuro e, nesta ocasião, espera-se que seja possível a aquisição de materiais que possibilitem maior liberdade durante as gravações. Pois acredito que muito mais pode ser feito e visualizado quando houver a possibilidade de utilização de materiais que sejam mais adequados às características dessas entrevistas.

Espero contribuir para que outros trabalhos relacionados com os Salatinas possam ser reunidos no site e, eventualmente num livro. Para que as suas memórias sejam valorizadas e guardadas assim como eles próprios guardaram guardaram recordações e alguns livros que falam sobre a Velha Alta, alguns dos Salatinas, contribuíram, inclusive, com a realização de alguns deles.

Tenho esperança que este tema ganhe atenção de mais pessoas, para que seja feita uma maior compilação e reunião das memórias dos antigos moradores da Velha Alta de Coimbra. Não esquecendo que as muitas histórias desses personagens desconhecidos compõem o quadro da história urbana decomposta da cidade de Coimbra de outrora. Uma

história desconhecida por muitos dos seus moradores e admiradores, mas que, não deve ser esquecida; deve ser reconhecida e retratada, como mínimo de mérito aos Salatinas.

Seria muito digno e justo a exposição de outros trabalhos acerca daqueles acontecimentos, daqueles homens e mulheres, daquelas famílias afugentadas e reagrupadas. Que isto possa ser feito enquanto os últimos salatinas ainda possam estar presentes.

REFERÊNCIAS

LIVROS

ABE, Yurika. *Applying non-linear story telling forms to multimedia documentaries*. 2005. 76p. Dissertação de Mestrado - Arizona State University, Arizona.

ALTA de Coimbra. História - Arte - Tradição. Actas do 1º Encontro Sobre a Alta de Coimbra, Coimbra, GAAC, 1988.

ALTA de Coimbra - Que Futuro para o Passado? Actas do 2º Encontro Sobre a Alta de Coimbra, Coimbra, GAAC, 1995.

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA. *A Velha Alta Desaparecida*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991.

BARNOUW, Erik. *Documentary: a history of the non-fiction film*. New York: Oxford University Press, 1993.

FERREIRA, Joana. *A Demolição na evolução da cidade*. 19p.

GIFREU, Arnau. *The interactive multimedia documentary as a discourse on interactive non-fiction: for a proposal of the definition and categorisation of the emerging genre*. [on line]. Hipertext.net, 9, 2011. Disponível: <<http://www.upf.edu/hipertextnet/en/numero-9/interactive-multimedia.html>> Acesso em: 19 de Janeiro 2013.

GOMES, Margarida Rocheteau. O Caso do Bairro de Celas. In: Congresso Português de Sociologia, 8p., 2008.

MACDONALD, Sharon. *A companion to museum studies*. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2006.

NICHOLS, Bill. *Introduction to Documentary*. Indiana: Indiana University Press, 2001.

NIELSEN, Jakob. *10 Usability Heuristics for User Interface Design*. [on line]. nngroup.com. Disponível: <<http://www.nngroup.com/articles/ten-usability-heuristics/>> Acesso em: 24 de Agosto 2013.

ROSENTHAL, alan; CORNER, John. *New Challenges for documentary*. Manchester: Manchester University Press, 2005.

ROSMANINHO, Nuno. *O Poder da Arte. O Estado Novo e a Cidade de Coimbra*. Coimbra: G.C. – Gráfica de Coimbra, 2006.

SERRANO, Daniel. *O ritmo da rua: relatos jornalísticos sobre um bairro de Coimbra*. /Daniel Serrano. – Campinas: PUC Campinas. 2011. 107p.

THOMPSON, Kristin; BORDWELL, David. *Film History: an introduction*. New York: McGraw-Hill Companies, 2003.

TORGAL, Gonçalo dos Reis. *Onde se contam de umas velhas contadas e se fala de velhas casas de comer que houve na alta e já não há*. Coimbra: edição do autor, 1989.

REFERÊNCIAS NA WEB

BOILERPLATE. Disponível em: <<http://html5boilerplate.com/>> Acesso em: 24 de agosto 2013.

BOILERPLATE SHOWCASE. Disponível em: <<http://h5bp.net/>> Acesso em: 24 de agosto 2013.

CINEMATECA PORTUGUESA, museu do cinema.
Disponível:<<http://www.cinematca.pt/Cinematca-Digital/Ficha.aspx?obraid=905&type=Video>> Acesso em: 23 de Dezembro 2012.

EN CONSTRUCCIÓN REALIZAÇÃO. Disponível em: <http://es.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Luis_Guer%C3%ADn> Acesso em: 24 de agosto 2013.

GOOGLE CHROME FRAME. Disponível em: <<http://www.google.com/chrome/frame/?hl=pt-PT&prefersystemlevel=true>> Acesso em: 24 de agosto 2013.

HEYGATE LIVES. Disponível em: < <http://www.behance.net/gallery/Interactive-locative-documentary-iPhone-web-app/816492> >. Acesso em: 14 de Dezembro 2012.

HISTÓRIAS COM M. Disponível em: < [http://www.behance.net/gallery/Historias-com-M-\(2010\)/1691170](http://www.behance.net/gallery/Historias-com-M-(2010)/1691170) >. Acesso em: 14 de Dezembro 2012.

SITE HISTÓRIAS COM M. Disponível em: < <http://www.historiascomm.com/>>. Acesso em: 14 de Dezembro 2012.

HTML5. Disponível em: <http://www.w3schools.com/html/html5_intro.asp HTML5> Acesso em: 24 de agosto 2013.

INSIGHT. Disponível em: < <http://www.behance.net/gallery/Insight/2940189> >. Acesso em: 14 de Dezembro 2012.

INSPIRAÇÃO WEB PÁGINA ÚNICA. Disponível em: <<http://chocoladesign.com/inspiracao-web-pagina-unica>> Acesso em: 24 de agosto 2013.

INSPIRAÇÃO PARALLAX. Disponível em: <<http://findandform.com/>> Acesso em: 24 de agosto 2013.

MIGR@NTHOME. Disponível em: < <http://www.behance.net/gallery/MigrntHome/2248494> >. Acesso em: 14 de Dezembro 2012.

PALESTRA ALBERT MAYSLES. Disponível em: < <http://youtu.be/JKrgGc5Y7mc>> Acesso em: 24 de agosto 2013.

PARALAX SCROLLING. Disponível em: <<http://www.creativebloq.com/web-design/parallax-scrolling-1131762>> Acesso em: 24 de agosto 2013.

PROJECTO 2FACES. Disponível em: <<http://projecto2faces.com/>> Acesso em: 24 de agosto 2013.

SITES DE PÁGINA ÚNICA. Disponível em: <<http://chocoladesign.com/sites-de-pagina-unica>> Acesso em: 24 de agosto 2013.

WEBSITES COM PARALLAX. Disponível em: <<http://chocoladesign.com/websites-com-parallax-experiencia-ao-usuario>> Acesso em: 24 de agosto 2013.

FILMES

EN CONSTRUCCIÓN. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0290591/?ref_=rvi_tt> Acesso em: 24 de agosto 2013.

GREY GARDENS. Ellen Hovde; Albert Maysles; David Maysles; Muffie Meyer, 1975. 100min. 35mm.

URBANIZED. Disponível em: < <http://urbanizedfilm.com/stream/>>. Acesso em: 14 de Dezembro 2012.

ANEXOS

OS PARTICIPANTES DO PROJETO

Entre os últimos dos salatinas, neste projeto pudemos conhecer alguns deles que foram os narradores das alegrias e tristezas dos seus passados na Velha Alta que foi demolida.



Sr. Vito

Logo no início das demolições a família do Sr. Vito foi forçada a deixar Alta enquanto ele ainda era um miúdo, e foram morar nas cercanias da Praça da República. Aos 14 anos, começou a trabalhar como "paquete" para a Câmara Municipal e nesta ocasião ajudava na limpeza dos entulhos das demolições recolhendo e transportando os destroços das antigas construções que incluíam a sua antiga residência.

Por muito tempo o Sr. Vito coleciona livros e materiais relacionados à Alta de Coimbra. E, atualmente, vive bem perto da estátua que foi retirada da fachada principal do edifício do Governo Civil, que ele próprio ajudou a fazer pequenas marcações nos pedaços quebrados para que pudessem ser montados novamente no centro do Bairrinho de Celas.



Sra. Milu

Na mesma época em que o Sr. Vito saiu da Velha Alta, os irmãos Sra. Milu e o Sr. Carlos Dias também tiveram que deixar suas casas lá, na Rua do cotovelo, e ir para o Bairro de Celas.

A Sra. Milu tinha apenas oito anos de idade, mas nos contou as suas recordações sobre a demolição do Aqueduto de S. Sebastião, o Hospital dos Lázaros, o Padre Américo e muitas outras memórias.



Sr. Carlos Dias

O Sr. Carlos Dias era mais velho que sua irmã, Sra. Milu, quando saiu da Velha Alta. Fala com muita paixão sobre a sua "Lusa-Atenas" e, sempre, neste momento relembra a velha canção sobre a demolição da Alta que faz a abertura deste trabalho. Ele ainda faz questão de nos dizer que tudo foi um crime e sobre o descaso do governo de Salazar.



Sra. Manuela

Adolescente ainda, a Sra. Manuela deixou a casa da sua madrinha (a Ana da venda), na Rua dos Militares, casou-se e foi morar no Bairro de Celas. Atualmente com 83 anos de idade, foi capaz de reconstruir suas memórias e descrever a tasca que foi da sua madrinha, as suas brincadeiras em volta do monumento a Camões, a paisagem da Alta, cores das casas e pavimentos.



Sra. Maria da Conceição

A Sra. Maria da Conceição se emociona muito ao relembrar a Velha Alta e nunca se conformou em ter saído de lá. Quando começa a revisitar suas memórias, logo desmancha-se descrevendo a saída da Alta e muito parece que tem mais de lá do que do Bairro de Celas onde vive atualmente.



